

Caminhense

20 DE SETEMBRO DE 2013 • Nº 1548 • ANO XLIII • DIRECTORA: ELSA GUERREIRO CEP A

TEATRO MUNICIPAL VALADARES
UM ESPAÇO DE MEMÓRIA CULTURAL

CÂMARA DE CAMINHA APRESENTA
PROJETO PARA REQUALIFICAÇÃO DA MARGINAL

PARTIDO
SOCIALISTA
DEFENDE PARA
CAMINHA
UMA MARGINAL
"PENSADA E
DISCUTIDA
POR TODOS"

CÂMARA VAI
FAZER OBRAS NO
BAIRRO SOCIAL
EM CAMINHA

AUTÁRQUICAS 2013



Flamiano Gonçalves Martins, "Miano" para os mais próximos, 55 anos de idade, casado, nasceu e reside na freguesia de Riba de Âncora, no concelho de Caminha. É do signo Leão, não liga a futebol, mas simpatiza com o Futebol Clube do Porto. Considera-se um homem simples, trabalhador, generoso e introvertido. É professor do ensino básico.



PSD

**FLAMIANO
MARTINS**

**MIGUEL
ALVES**



Luis Miguel da Silva Mendonça Alves, 38 anos, casado, nasceu em Lisboa, reside em Vila Praia de Âncora, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, é advogado, diretor de uma empresa, gosta de dedicar o "pouco" tempo que lhe sobra à música, canta e toca viola, e pesquisa novos valores musicais. É adepto do Benfica.

Joaquim Celestino Simões Ribeiro, "Quim" para os mais chegados, 40 anos de idade, casado, natural de Vila Praia de Âncora, residente em Riba de Âncora, signo Sagitário, clube Futebol Clube do Porto. É licenciado em Engenharia Biológica na Universidade do Minho, é professor de Física e Química.

**CELESTINO
RIBEIRO**

CDU

A portrait of Joaquim Celestino Simões Ribeiro, a middle-aged man with dark hair, wearing a dark suit jacket over a striped shirt. He is smiling slightly and looking towards the camera. The background is white with a large, stylized circular graphic element in shades of blue and green.

"QUANDO ERA PEQUENO QUERIA SER COWBOY OU AVIADOR"

Joaquim Celestino Simões Ribeiro

CDU
**Celestino
Ribeiro**

Joaquim Celestino Simões Ribeiro, "Quim" para os mais chegados, 40 anos de idade, casado, natural de Vila Praia de Âncora, residente em Riba de Âncora, signo Sagitário, clube Futebol Clube do Porto. É licenciado em Engenharia Biológica na Universidade do Minho, é professor de Física e Química. Nada do que sonhou ser quando era criança: "Passei por aquela fase de grande influência do cinema que passava, sobretudo nas televisões espanholas que era as que mais viamos. Via os filmes de cowboys e como todos os miúdos pequenitos queria ser cowboy. Depois passei também pela fase de querer ser aviador", conta o candidato.

Quando se lhe pergunta pelas suas virtudes, responde: "Sou uma pessoa de entregas, solidária e realmente preocupada com os amigos". E defeitos: "Quando me concentro acabo por me isolar muito. Consigo-me abstrair demasiado do mundo que me rodeia e isso pode ser mau".

Mas como nunca ninguém foi bom a julgar em causa própria, o melhor é procurar saber o que pensam afinal os mais próximos de Celestino Ribeiro. O pai, que não esquece o dia em que o seu Celestino nasceu, porque coincidiu com o seu último dia de tropa, afirma que o seu filho é "muito objetivo, trabalhador, sabe o que quer e luta por aquilo que quer, e é generoso". "Em miúdo estava sempre pronto para me ajudar. Tinha por costume, quando lhe pedia alguma coisa, dizer não, mas o não dele era sempre sim. Por palavras dizia não, mas nos atos dizia sim. Sempre foi muito afoito, não tinha medo de nada, e como estudante sempre foi muito estudioso. Eduquei-o a ele e ao irmão para a liberdade e para agir de acordo com a sua consciência", recorda o pai que deu ao filho o seu próprio nome por inteiro: Joaquim Celestino (Simões) Ribeiro.

E foi também de liberdade que se fez a infância de Celestino que montado na garupa da mota do pai gostava de se perder serra fora. "Ele gostava de dar umas voltas comigo e eu levava-o sempre para locais de alguma aventura, pela montanha, pela Serra d'Arga e ele sempre se comportou muito bem e tinha gosto por essa aventura", lembra o progenitor.

Amigo do seu amigo, Celestino Ribeiro gosta de cultivar amizades, uma delas é a que mantém com Márcio Magalhães, que nasceu no tempo em que o candidato namorava Carla Oliveira, mulher com quem está casado há 16 anos. "Somos amigos íntimos há vinte e tal anos. Conheci-o porque a minha mulher dava-se com atual mulher dele e daí termos uma ligação que se foi mantendo. Passamos férias juntos, vamos a casa um do outro, os nossos filhos dão-se muito bem. Estamos sempre na



brincadeira. Ele tem uma ideologia e eu tenho outra, no futebol, ele é do Porto e eu sou do Benfica, mas respeitamo-nos mutuamente e a nossa ligação é fantástica. A nossa amizade não tem nada a ver com os nossos futebóis e os nossos partidos", diz Márcio.

Com Carla Oliveira, Celestino mantém um casamento que a julgar pelas palavras da mulher está para durar: "Se voltasse a casar, casaria com o mesmo marido".

"Fomos colegas de escola e por volta do 12º ano, dos 18 anos, iniciamos uma relação de namoro que resultou em casamento. Tivemos dois filhos, um parecido com o pai e outro com a mãe para não haver grandes conflitos. É um pai extremamente presente, protetor, muito preocupado com o bem estar da família. Como marido é uma pessoa muito bem disposta, muito social, que acaba por trazer muito boa disposição para o ambiente familiar", descreve Carla, referindo, de resto, que as "formalidades" do matrimónio passaram ao lado do casal Ribeiro. "Não houve pedido de casamento, foi uma decisão. Temos uma relação muito democrática. Fugimos um bocadinho aos ícones tradicionais", brinca. E como em democracia valem to-

das as vontades, Celestino Ribeiro arranja tempo para "outras paixões": "Tenho uma paixão muito particular pela música, sou um fervoroso tocador e, por vezes, cantador, animador dos momentos de alegria na família. Tenho essa grande dedicação à guitarra, mas também gosto de escrever sobre ideias que me vão surgindo e a forma como interpreto o mundo", revela o candidato, que tem criada na Internet uma página dedicada ao ensino da Física e Química, que serve de apoio aos alunos. O seu gosto musical passa pelos U2 e "todos os músicos do panorama nacional, desde Zeca Afonso, Sérgio Godinho, Jorge Palma e Rui Veloso". "Todos são do meu agrado", diz.

Ana Peixoto Fernandes



Caminha tem uma falta de es

Natural de Vila Praia de Âncora, Joaquim Celestino Ribeiro, 41 anos, licenciado em Engenharia Biológica, ramo terminal de Controlo da Poluição, é membro do PCP tendo feito parte da comissão política da DORVIC e integrando atualmente o secretariado, destacando-se a audição no Parlamento Europeu relativa à maré negra causada pelo lixo marinho. Em entrevista ao Jornal Caminhense, o candidato da CDU tem como principal proposta de trabalho para a Câmara Municipal de Caminha. Uma gestão completamente diferente é o que o candidato da CDU defende para Caminha.

Jornal "O Caminhense" (JC) - Celestino, nos últimos doze anos a CDU tem vindo a perder votação nas autárquicas disputadas no concelho de Caminha. Em 2001, com o candidato Cerqueira Rodrigues, a CDU esteve perto de conquistar um vereador, com uma votação de 9,55% dos votos. Em 2005, a candidata Carla Oliveira conseguiu apenas 2,96% dos votos, percentagem que desceu nas últimas autárquicas para 2,58%, com Celestino Ribeiro como candidato. A CDU volta em 2013 a apostar tudo em Celestino, isto apesar dos resultados alcançados há 4 anos. A pergunta que lhe coloco é: há falta de opções dentro desta coligação?

Celestino Ribeiro (CR) - Eu estou convencido que não. Basta olhar para a lista alargada não só da Câmara Municipal, como da Assembleia Municipal e das Juntas de Freguesia às quais somos candidatos. Não há falta de opções, o que há seguramente é um reconhecimento dentro da coligação, pelo trabalho que tem sido desenvolvido não só por mim, mas por todo o coletivo a que eu tenho dado corpo.

Na verdade há contextos que levam a que as votações, em determinadas alturas, sejam mais expressivas e noutras menos. Assim sendo nós conseguimos fazer leituras diferentes ao longo do tempo. Efetivamente, como disse e bem, em 2001 nós tivemos uma votação expressiva que praticamente nos deixou à boca da eleição de um vereador para a Câmara de Caminha. Mas repare, estávamos perante uma mudança de ciclo e as eleições de 2005 e de 2009 foram eleições que estavam no meio desse ciclo político, que neste momento também se fecha. Estamos de novo no fecho de um ciclo e a leitura que podemos fazer dos resultados de 2009 e 2005, será com certeza diferente daquele que podemos fazer mesmo ao nível da projeção, para as eleições de 2013.

JC - Atendendo a essa possibilidade de encerramento de um ciclo e início de um novo, qual é a meta da CDU para estas autárquicas?

CR - O nosso objetivo fundamental é fazer com que a Câmara de Caminha tenha uma gestão completamente diferente e isso faz-se, logicamente, com a presença da CDU nesse órgão municipal. Deixe-me dizer-lhe que, em 37 anos de eleições para o poder local, aqui em Caminha nós tivemos sempre e apenas na Câmara Municipal o PS e o PSD. A CDU nunca esteve presente neste órgão autárquico, estivemos na Assembleia Municipal que também é importante, mas nunca na Câmara. Co-

mo lhe dizia, nestes 37 anos nós tivemos sempre a conjugação de forças políticas a dar-se apenas com dois partidos, e como tal sabemos onde estamos e pelo que passamos. Aquilo que nós defendemos é que a gestão do município pode ser diferente com a introdução da CDU, porque muda completamente o paradigma da governação do município de Caminha, e há muitas formas de o fazer. O nosso objetivo é a introdução da CDU num cenário que pode ser 3,3,1 ou 4,2,1.

É extremamente importante que a população de Caminha entenda como são organizados e constituídos os órgãos autárquicos, e percebam que a 29 de Setembro nós não vamos ter a eleição do presidente da Câmara, não é isso que está em causa. O que neste momento está em causa é a constituição da Câmara Municipal de Caminha com os seus sete elementos.

J.C. - E o partido mais votado elege o presidente... Mas Celestino Ribeiro, como é que faria essa diferença, pretende ser o fator decisório na votação do executivo na Câmara Municipal?

CR - Nós temos uma tradição de compromisso que é longa e pode ser comprovada. Nós somos uma coligação que dura desde 1987 e que honra os seus compromissos. Logicamente que na Câmara de Caminha nós teríamos essa mesma posição de compromisso. O que é que isso quer dizer na prática? Quer dizer que nós teríamos nesse cenário que fazer também a leitura da expressão eleitoral que tínhamos, e fazer a leitura daquilo que era a vontade do partido mais votado. Para nós, mais importante do que decidir quem é que pode ou não fazer a diferença no executivo, ao nível da votação, é que tipo de políticas é que podem efetivamente ser seguidas no concelho de Caminha. E o tipo de políticas vê-se não só na concretização dos projetos e obras que eventualmente possam ser feitas, mas também no próprio estilo de governação. Logicamente que num cenário de continuidade, a CDU nunca estaria ao lado desse estilo de governação que tem vindo a ser feita nos últimos anos.

JC - Imagine que a CDU no dia 29 elege um vereador, o que vai mudar se isso acontecer?

CR - Se nós elegermos um vereador posso garantir-lhe que a política muda radicalmente. Desde logo porque deixaríamos de ter uma maioria absoluta, deixaríamos de ter alguém que decide porque tem o poder da votação e da eleição, e passaríamos a ter alguém que tinha que negociar todas as medidas a tomar. Isto é extremamente im-

portante, sobretudo porque permite medir a expressão da própria população que, apesar de ter votado, não significa que esteja a passar um cheque em branco permitindo a quem ganha fazer tudo aquilo que entende.

JC - E nesse caso o poder passaria na totalidade para as mãos desse vereador da CDU, seria o vereador do desempate.

CR - Temos aí um problema não digo de forma, mas sim de conteúdo. Nós não encaramos o serviço público como poder, já dissemos isto muitas vezes e entendemos que este é um dos grandes problemas da gestão autárquica e do próprio país. Normalmente quem é eleito, o PS ou o PSD, tem exatamente esse problema: encara o poder pelo poder e tendo poder, manda. Para nós o poder não se mede na capacidade de mandar, mas sim na capacidade de executar aquela que é a vontade da população.

JC - Até agora temos tido dois partidos no poder. Acha que o PS não tem feito uma oposição cabal, acha que com a CDU no poder esse ciclo se inverteria?

CR - Completamente. Repare não me compete a mim, logicamente, fazer a avaliação daquele que tem sido o exercício do PS na oposição. Mas deixe-me dizer-lhe que num cenário de 4, 3 a oposição é difícil.

JC - Mas porque é que não pode avaliar o papel da oposição do PS na Câmara de Caminha?

CR - Quando eu lhe digo que não quero fazer essa avaliação, é porque entendo que ela deve ser feita pelos munícipes do concelho de Caminha. São eles que realmente têm o poder da eleição e não eu enquanto candidato. Portanto é à população que compete fazer essa avaliação, não só dos vereadores da oposição como os da maioria. E não só no órgão Câmara Municipal mas como em todos os outros órgãos autárquicos.

Na verdade aquilo que é importante também referir, é que em cenários de constituição de Câmara Municipal em que há efetivamente uma maioria, a oposição torna-se difícil. Não quer dizer que se torne impossível, e que bom que teria sido para nós que o PS tivesse tido a capacidade de ser um opositor mais firme e mais coeso, sem dar azos a situações como a que vivemos mais recentemente no seio dessa mesma vereação da oposição. Que bom que seria, mas na verdade não foi. É evidente que agora a população de Ca-

minha vai ter oportunidade para dizer se a oposição foi ou não eficaz, logicamente que nos parece que não foi.

Mas a verdade é que num cenário completamente diferente, em que efetivamente a CDU possa integrar o executivo camarário, a oposição será seguramente diferente. Repare que quando se fala numa presença de esquerda na Câmara Municipal, corre-se muitas vezes o risco, e tem sido essa a estratégia que tem sido seguida pelos outros dois partidos concorrentes, de tentar apelar sempre à maioria. É aquilo a que nós vulgarmente chamamos o apelo ao voto útil, e a verdade é que não muda rigorosamente nada na gestão das câmaras municipais e em particular na de Caminha quando se tem um partido com maioria e outro na oposição em minoria. Nós queremos reverter esta situação e é para isso que iremos, logicamente, trabalhar no esclarecimento da população.

JC - Como candidato a vereador que projetos tem para o concelho de Caminha?

CR - Nós defendemos e temos vindo a defender, em todas as nossas participações públicas, que o município de Caminha tem uma falta de estratégia que nos envergonha. Ao longo destes 37 anos nós não conhecemos o concelho de Caminha, nós não sabemos efetivamente que tipo de concelho é que somos, em que é que realmente somos bons. Sabemos todos indicar os potenciais que temos, mas não temos nada que nos afirme no panorama nacional e mesmo internacional enquanto concelho.

Falamos no turismo, setor onde vamos investindo aqui e ali numa medida turística; falamos na indústria mas não sabemos que tipo de indústria é que temos no concelho falamos da adequação da indústria; do comércio e de outras atividades, mas efetivamente não temos nada que nos identifique nesse domínio. Isto é uma vergonha para um concelho e portanto, a primeira medida que nós temos que tomar enquanto membros da Câmara Municipal, é definir uma estratégia. E essa estratégia não pode apenas ser definida pelo executivo camarário, isso é outro erro. Tem que ser definida logicamente com a população, com as Juntas de Freguesia e com o tecido associativo. Nesta conjugação com a indústria, com o comércio, com o turismo, coma atividade piscatória e agrícola, temos que encontrar uma estratégia que seja geradora de emprego. Efetivamente só um concelho com emprego é que pode desenvolver-se. Não se desenvolve nenhum tipo de concelho que não tenha a sua população empregada e

estratégia que nos envergonha

nos, é o candidato da CDU à presidência da Câmara de Caminha.

o, é docente de Física Química com uma experiência de 15 anos no ensino.

tariado do PCP em Caminha. Foi candidato a vários atos eleitorais e participou em diversas consultas,

Prestige. Tem desempenhado funções de eleito na Assembleia Municipal de Caminha.

omo objetivo ser eleito vereador no próximo dia 29 de Setembro.

, um concelho que na sua opinião tem sofrido de uma falta de estratégia que envergonha.

capaz de animar as atividades comerciais e os serviços do seu município. Definir uma estratégia será portanto a nossa primeira medida, bem como terminar de vez com estes ciclos sucessivos de indefinição que respeitam sobre tudo a algumas obras que são efetivamente visíveis aos olhos da população, mas que depois não traduzem uma identidade para o município e muito menos refletem a capacidade que existe no concelho de gerar emprego, prosperidade e desenvolvimento.

JC - O que falta a Caminha para dar esse salto? Como é que se faz esse plano estratégico?

CR - Faz-se dando a decisão às pessoas. Em primeiro lugar com as juntas de freguesia que são os primeiros ouvintes da vontade da população. Isso não é difícil de fazer e não é a primeira vez que se faz no concelho de Caminha reuniões preparatórias para as assembleias municipais, por exemplo, com os presidentes de Junta. Este executivo tem até alguma tradição nesse sentido. Ao chegarmos às Juntas de Freguesia estamos a dar-lhes capacidade de decisão. Isto tem a ver com uma outra medida que julgamos importante e que é a construção de orçamentos participados.

JC - Essa é também uma promessa do candidato socialista. Como funcionam esses orçamentos participativos?

CR - Em primeiro lugar deixe-me dizer que saúdo essa vontade do PS, e lembrar que isso é algo que já defendemos há oito anos. Os orçamentos participativos têm várias fases: a primeira delas é a auscultação direta a partir das Juntas de Freguesia e tecido associativo, entre outras com capacidade para propôr medidas que podem ser incluídas no Plano e Orçamento.

Depois temos uma fase de preparação documental e essa sim, tem que ser feita logicamente pela Câmara Municipal, não apenas pela maioria mas em conjunto com a oposição. Numa fase seguinte vem a auscultação aos partidos com assento na Assembleia Municipal, respeitando assim o estatuto do direito de oposição. Quando está pronto, o documento deve expressar a vontade de todo o concelho. É transparente e já é adotado por muitos municípios.

Nós na fase de campanha não prometemos obras efetivas porque sabemos que não são os programas eleitorais que definem as obras.

JC - Nem pode prometer, uma vez que não é candidato a presidente mas apenas a vereador.

CR - Aí está outro engano. Não compete apenas ao Presidente da Câmara decidir aquilo que pode ou não pode ser feito. Nós contrariamos esse procedimento, ser presidente da Câmara não quer dizer ter a capacidade de decidir só por si. É preciso saber ouvir, escutar e decidir em conjunto. Esse é o elemento que consideramos que a CDU pode introduzir: capacidade de diálogo, de reunião de ideias, para que realmente as decisões não sejam de uma pessoa mas sejam a expressão dos municípios do concelho de Caminha.

JC - Um dos projetos que tem vindo a ser defendido pela CDU é a transformação da Quinta da Barrosa numa espécie de Parque da Cidade. O atual executivo liderado por Júlia Paula Costa avançou recentemente com uma intervenção no local com vista a transformá-lo num espaço de lazer. Como é que avalia este projeto?

CR - A nossa avaliação é pública e já tivemos oportunidade de levantar as nossas dúvidas relativamente a esse processo. Aqui há várias coisas: em primeiro lugar há a própria definição. Nós temos um PDM que prevê que, numa zona muito próxima, se possam construir equipamentos desportivos. Essa orientação nunca foi seguida, mas para nós continua a ser válida; depois porque a Quinta da Barrosa teve um processo complexo e muito complicado que se prolongou ao longo do tempo. Finalmente parece que as situações se resolveram, nomeadamente as posses e as indemnizações. A partir daí gera-se a confusão. Independentemente de nós sermos a favor de uma ou outra medida, o que nós não conseguimos compreender é o que é que este executivo pretende para aquele espaço. Faz umas hortas, o que não nos parece mal, mas agora quebra um muro, faz umas terraplanagens, parece que vai ser construída uma infraestrutura desportiva, não sabemos se as entidades competentes na preservação do monumentos foram ouvidas ou não, se deram o seu parecer, se avaliaram os impactos. A verdade é que começa a haver um afastamento total daquela que era a nossa intenção. Nós defendíamos um Parque da Vila, com um espaço que incluísse um núcleo museológico. Tinha enquadramento face ao monumento ali existente. Defendemos igualmente um parque para a valorização da vegetação autóctone. Parece-nos que se está a fazer uma obra apressada, pouco avaliada e pouco explicada. Por ventura até pode ser uma medida com interesse, mas não sendo comunicada nem participada, acaba por ser uma medida que uma vez mais parece ser uma medida avulso, daquelas que podem

prejudicar no futuro a construção efetiva daquele parque da vila.

JC - Outro dos projetos emblemáticos da CDU é o Festival de Vilar de Mouros. As últimas edições do evento estão muito ligadas à Junta CDU com Carlos Alves na presidência. Que comentário lhe merece o protocolo assinado pelo atual executivo PSD com a AMA, com vista ao relançamento do Festival no próximo ano?

CR - Este executivo já nos habituou a medidas pouco participadas que partem de uma cabeça que julga que, pelo poder da eleição, pode decidir tudo em nome de todos.

JC - Não lhe parece que Carlos Alves teve a mesma posição quando decidiu, unilateralmente, optar por uma determinada empresa para a realização do Festival?

CR - Permita-me que discorde porque não foi bem assim e a história vai-nos trazendo clareza na avaliação que fazemos do passado. Temos que voltar mais atrás. Carlos Alves à frente da Junta conseguiu fazer renascer o Festival de Vilar de Mouros, numa altura em que a Câmara estava nas mãos do PS que até se excluiu do processo. Esta é a verdade dos factos e portanto a Junta na altura teve a coragem e a determinação suficientes para, sozinha, arrancar com o Festival. Conhece bem a história do que aconteceu a seguir: essa união de empresas deu mau resultado, separaram-se e houve necessidade de decidir o futuro. A Junta decidiu continuar a trabalhar com uma das empresas mas nunca excluiu a Câmara.

Mas repare: vamos até admitir que tinha havido um erro de comunicação. Não nos parece correto que por isso o executivo liderado por Júlia Paula tenha tido a atitude que teve a seguir, de completa negação, falta de apoio, falta de solidariedade, deixando a Junta completamente sozinha e não apoiando a realização dos festivais. De facto Carlos Alves teve uma tarefa difícil, uma tarefa dura para resolver.

JC - Ao envolver o Festival de Vilar de Mouros na política, não se pode ter perdido um dos projetos culturais mais interessantes do concelho de Caminha?

CR - Eu espero bem que não.

JC - Acha que o protocolo com a AMA pode resolver?

CR - Mesmo não concordando como

protocolo, nós esperamos que o Festival ressurgir e volte a ser um sinal de identidade e de promoção do concelho de Caminha que bem precisa. E, sobre tudo, que Vilar de Mouros volte a integrar o panorama cultural não só nacional, como internacional.

A questão da patente, que há pouco falávamos, foi uma questão muito interessante que passou despercebida a todos os autarcas, inclusivé à Câmara. Aí provou-se que quem está neste tipo de atividade tem estes mecanismos de defesa. Foi algo que nunca tinha passado pela cabeça de ninguém, nunca ninguém tinha falado de patentes. Mas de facto quando a empresa resolve registar a patente é que surge toda esta polémica. Mas ninguém nunca tinha pensado nisso, inclusivamente o próprio executivo camarário.

JC - Considera que esta empresa, por não ter "know how" suficiente poderá não ser a melhor solução para o Festival?

CR - Não é seguramente a melhor solução para o Festival, e temo bem que essa associação seja apenas um intermediário na ligação a empresas que realmente sabem trabalhar no sector e irão realmente promover o Festival.

Relativamente à questão da solidariedade pensamos que deve ser apreciada pelos outros e não pelos próprios. Repare nós temos no concelho de Caminha movimentos associativos com enormes carências. Não quero com isto dizer que não possamos ter responsabilidade social com outras associações que até prestam serviço social no concelho de Caminha, o que não podemos é ser exclusivos, temos que ter algum cuidado.

Nós temos problemas com os Bombeiros Voluntários, em Seixas, com diversos movimentos associativos que têm também um trabalho válido, que no dia a dia vai dando resposta social muito válida a grande parte da população do concelho. Entregar integralmente todos os lucros do evento a essa associação por um período de quatro anos não nos parece ser uma medida que expresse a responsabilidade social que o município tem que ter. Essa responsabilidade é para com todos e não apenas para um.

JC - É redutora?

CR - Logicamente que é. Mas também nos parece estranho que tenha surgido esta ideia sem haver uma discussão ampla, sem haver uma consulta prévia. Nós lançamos uma questão que nunca foi respondida: quantas associações locais foram contactadas tendo em conta a sua vontade →

de participar na organização do Festival, partindo desse princípio solidário? Eu julgo que a pergunta nunca foi feita sequer. A população não foi ouvida e as associações também não, pensamos nós. Parece-nos que houve uma preferência que não foi alicerçada num pensamento de responsabilidade social do município de Caminha.

JC - Gostava de o ver tomar uma posição sobre a revisão do PDM de Caminha. É um processo que já leva mais de uma década, foi herdado do executivo socialista e ainda não teve conclusão. Enquanto deputado da Assembleia Municipal nunca o vi muito preocupado com esta questão. Não a considera importante?

CR - Isso não é verdade. Nós tivemos uma grande preocupação com a revisão do PDM e manifestamos isso não só na Assembleia Municipal, mas também na Junta de Freguesia. Fomos nós que defendemos os Planos de Pormenor da zona de Camboas e provavelmente se não tivesse sido a nossa pressão, ainda hoje não tínhamos nada.

JC - Mas a verdade é que apesar da

vossa pressão não se sabe muito sobre o PDM...

CR - Segundo as últimas informações está em análise da Comissão de Coordenação da Região Norte. Mas deixe-me acrescentar uma coisa julgamos que é um processo cuja dilatação no tempo não se justifica. Outros concelhos do distrito encetaram o processo na mesma altura e neste momento já está concluído. Nós somos dos poucos que não só ainda não têm o processo concluído, como o temos muito atrasado. É que depois desta fase ainda vai haver uma outra de auscultação da população e portanto isto não vai terminar tão cedo.

Relacionado ainda com a questão da revisão do PDM, deixe-me dizer-lhe outra coisa: em tempos, e por insistência da CDU que queria saber o que se estava a passar, chegamos a integrar uma comissão do PDM que mais tarde acabaria por morrer.

Na altura percebemos que fruto do atraso do executivo camarário liderado pelo PSD, acabou por prolongar muito a fase introdutória da revisão. Depois saiu uma nova legislação que acabou por atrasar ainda mais o processo. É criada uma nova comissão de acompanhamento

que já não tem nada a ver com a anterior, que integra uma série de entidades. A partir desse momento a Assembleia Municipal acaba por ficar afastada do processo.

JC - É então um processo que corre longe das instâncias autárquicas?

CR - Com muita preocupação nossa.

JC - É um processo obscuro?

CR - Não sei se será essa a palavra mais indicada porque ao falarmos de um processo obscuro podemos estar a indiciar a existência de outras intenções menos boas. Queremos acreditar que não, que há boas intenções. Mas quando de facto o processo é muito pouco claro, muito pouco explicado, a informação é muito reduzida, toda a população é livre de pensar. Efectivamente tem havido uma dificuldade muito grande do executivo camarário em explicar, sobretudo à Assembleia Municipal, a revisão do PDM. A ver vamos. Vamos esperar pela avaliação que está agora a ser feita pela Comissão de Coordenação e logo se vê. Na altura tomaremos posição pública como sempre o fazemos.

JC - Vamos falar agora do Portinho de Vila Praia de Âncora. A pesca no concelho de Caminha depende muito do desassoreamento das barras de Caminha e Vila Praia de Âncora. O que faria para resolver o problema?

CR - Não deixa de ser estranho que uma obra que é feita para servir a comunidade piscatória não o faça efectivamente. É estranho que se tenha feito uma obra que não permite que os pescadores entrem e saiam livremente do portinho e que por isso mesmo tenha que haver dragagens sucessivas. Também é estranha a questão da inauguração. Estamos a falar de uma obra do Governo e por isso não percebemos o envolvimento da Câmara nessa inauguração.

Relativamente à solução do problema é lógico que ela tem que se consertada com os meios técnicos e com os próprios pescadores. É um patamar de entendimento que tem que ser conseguido e o que nos parece é que ao longo dos últimos anos os pescadores não têm sido suficientemente ouvidos, embora eles até tenham falado.

Julgamos que a solução será sempre técnica. Dragar sucessivamente não é uma solução, é um remedeio que sai muito caro.

JC - Defende então uma nova configuração do Portinho?

CR - Eu defendo que se devem sentar à mesa técnicos e pescadores no sentido de se encontrar uma solução de compromisso, que favoreça a atividade piscatória.

JC - Como avalia os três mandatos do PSD na Câmara de Caminha?

CR - É difícil encontrar as palavras certas para avaliar esse trabalho. A população de Caminha, em 2001, sentiu que era o momento certo para haver uma mudança após mais de 20 anos de gestão socialista. Eu diria que neste momento, em 2013,

nós estamos com a mesma sensação mas não a favor do PSD. Julgamos que o PSD esteve demasiado tempo à frente do poder no município de Caminha e com isso criaram-se alguns vícios de poder e alguns estigmas que alteraram a forma da Câmara se relacionar com a população, e que nem sempre foi a melhor. A avaliação que nós fazemos deste executivo camarário é que ele musculou a presença do município na vida dos cidadãos. Acima de tudo não teve a capacidade de definir a tal estratégia de que falávamos há pouco, e não conseguiu gerar o necessário emprego no concelho de Caminha. Repare que a Câmara assumiu-se ao longo destes 12 anos como o elemento fundamental no emprego e isso não nos parece um bom princípio.

JC - Est's a dizer que a Câmara de Caminha tem cada vez mais funcionários?

CR - Não, não é isso. O que eu quero dizer é que a Câmara de Caminha não teve capacidade para ser um facilitador da criação de emprego fora da esfera da Câmara Municipal.

JC - E como é que isso se faz?

CR - Pode fazer-se de várias formas e nesse aspeto existem bons e maus exemplos no país. Um dos mais tentadores e com o qual nós não estamos muito de acordo, tem a ver com a criação de condições facilitadoras de fixação de empresas internacionais. Não nos parece muito correto. Veja-se o que aconteceu com a Pesca Nova, com o Estado a ser lesado em todo esse processo. Parece-me que é muito mais saudável para um município encontrar parceiros dentro do território nacional e em particular no território local.

JC - Está a falar da fixação de empresas através de benefícios fiscais?

CR - Também, mas não só. Uma das faltas de estratégia existentes no concelho de Caminha tem a ver precisamente com o não sabermos aproveitar as oportunidades que temos, o potencial que é reconhecido por toda a gente. Nesse sentido nós defendemos que era já altura, em colaboração com o Politécnico, Universidade do Minho e Universidades da Galiza, de se criar em Caminha um pólo de investigação e desenvolvimento. Nesses pólos de desenvolvimento estratégico conseguem definir-se algumas linhas orientadoras.

JC - Que mensagem gostaria de deixar aos eleitores?

CR - Muito rapidamente gostava de deixar uma mensagem de esclarecimento: Não se esqueçam que a 29 de Setembro vamos eleger sete elementos para a Câmara. Ao longo de 37 anos nós tivemos sempre PS e PSD no poder, ora uns ora outros. O que nós propomos à população de Caminha é que alterem completamente este paradigma, que coloquem a CDU num dos sete elementos para terem uma forma distinta de gerir os destinos do município de Caminha.





"EM CRIANÇA SONHÁVA SER PADRE"

Flamiano Gonçalves Martins

PSD

**Flamiano
Martins**

Flamiano Gonçalves Martins, "Miano" para os mais próximos, 55 anos de idade, casado, nasceu e reside na freguesia de Riba de Âncora, no concelho de Caminha. É do signo Leão, não liga a futebol, mas simpatiza com o Futebol Clube do Porto. Considera-se um homem simples, trabalhador, generoso e introvertido. É professor do ensino básico, mas em criança sonhava com outra profissão: "Queria ser padre. Tinha um ídolo na altura que era o padre Arlindo e por isso é que sonhava ser padre. Ele acarinhava-nos muito, jogava futebol connosco, ía-mos ver televisão com ele, porque era a única televisão que tínhamos em Riba de Âncora, e eu estava bastante ligado. Ele era o meu ídolo e eu queria ser padre. Depois na altura do liceu tinha um certo gosto pela Arquitectura, mas as circunstâncias levaram-me a frequentar o Magistério Primário e tirar o curso", conta Flamiano Martins. Atualmente, entre a vida de professor e político, é pouco o tempo que lhe resta para o lazer.



“Gosto de viajar embora não me sobre muito tempo para isso, e gosto de ler também, mas é mais viajar”, refere. E virtudes? Quais são afinal as virtudes que aponta a si próprio? “Sou trabalhador, gosto de fazer as coisas bem feitas, tento sempre fazer o melhor possível e gosto também de ajudar as pessoas. Sou mesmo assim, tento ser o melhor possível, não mentir, reger-me por princípios. Quem me conhece sabe que sou mesmo assim”, responde. Por outro lado, afirma que “a sua maior imperfeição” é ser “um bocado introvertido e, às vezes, sei que até sou um bocado carrancudo”. “A primeira impressão que as pessoas têm é que não sou nada simpático, não sei se é por causa do bigode se porque é que é. Depois no relacionamento com as pessoas abro-me mas sou sempre um bocado introvertido”, explica.

Em termos de memórias musicais, a escolha de Flamiano Martins recai sobre um tema de que gostava “na altura de adolescente, das paixões”, o “Love Hurts” dos Nazareth, também interpretado pelos Scorpions. O que não conseguimos saber é se foi ao som desta música que conquistou Filomena Martins, seu amor de infância e esposa há mais de 3 décadas. “Estamos casados há 32 anos, fizemos no passado dia 15 de Agosto. Temos dois filhos, um com 27 e outro com 24 anos. Somos companheiros desde a escola primária, eramos vizinhos, brincamos juntos aquelas brincadeiras de criança. Fizemos o mesmo percurso, a mesma carreira, o amor tem destas coisas. Isto é uma longa caminhada. Foi o primeiro amor e continua muito sólido”, confessa Filomena, dizendo-se uma felizzarda por “ter um grande companheiro” a seu lado. “É um homem muito humilde, sempre pronto a ajudar o próximo e atento aos que o rodeiam. É muito humano”, descreve, recordando que entre os muitos gestos que Flamiano teve para consigo, há um que lhe “tocou o coração”. “Um dia chegou a casa e disse-me Filomena tenho um aluno que precisa

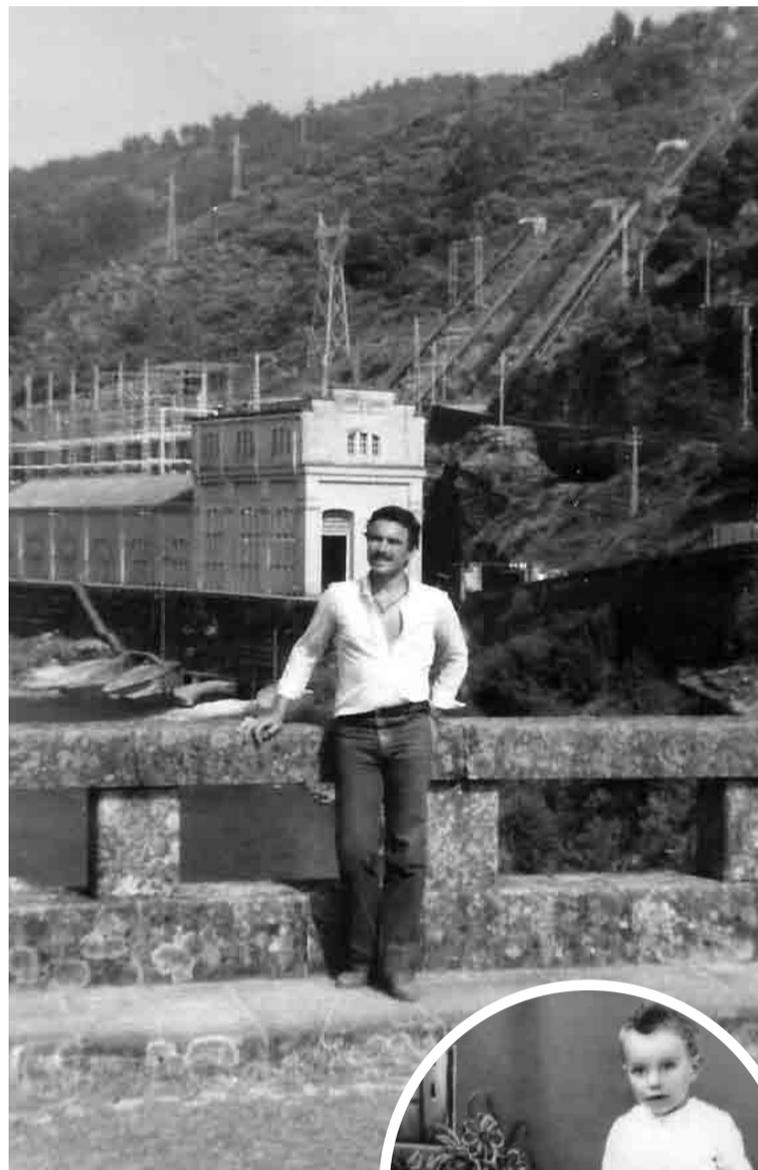
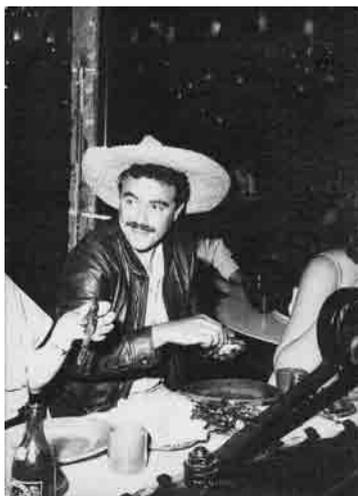
de um lar. Fiquei a pensar porque já tínhamos os nossos filhos e ele disse-me que não o podia deixar ir para uma instituição. É das coisas mais bonitas que um ser humano pode fazer”, lembra, revelando que como família de acolhimento, o clã Martins já “tomou conta de duas crianças durante nove anos”.

Os pais de Flamiano Martins já faleceram, e por eles, para ajudar a compor o perfil do candidato, testemunha um dos seus dois filhos, Francisco, o mais velho. “O meu pai é uma pessoa simpática que se preocupa com os filhos e gosta de os ver bem. As qualidades que lhe aponto são simpatia e trabalhador. Defeitos, não tenho nenhum a apontar. Para mim é

o melhor pai do mundo”, diz, recordando da infância as idas à praia e os passeios com o pai. Na infância ficou-lhe “uma viagem às Astúrias de alguns dias, em que nos mimou muito, era pequeno, tinha sete ou oito anos”.

Desde tenra idade, Jorge Silva, homem de Riba de Áncora acompanha a vida do amigo Flamiano Martins. Lembra o rapaz de origem humilde: “Foi sempre humilde, trabalhador, quando estava na escola chegou a andar na construção civil nas férias e ajudava os pais na lavoura. A mãe trabalhava no campo e o pai era emigrante”. “Não andei com ele na escola porque ele é mais novo que eu, mas de resto sempre o conheci desde moço e tivemos muita coisa juntos. Jogávamos à bola, andávamos de bicicleta. Mais tarde estivemos na associação ARA, ele era presidente e eu fui secretário e tesoureiro. Foi aí que o conheci melhor e vi que era uma pessoa de trabalho. Também estive com ele dois mandatos na junta de freguesia de Riba de Áncora”, conta Jorge Silva, concluindo: “Considero-o um amigo e qualquer coisa que ele necessite sabe que pode contar comigo e qualquer coisa que eu necessite ele está sempre disposto a ajudar”.

Ana Peixoto Fernandes



Poderei não ser homem de discursos, mas sou um homem de trabalho

Flamiano Martins, candidato do PSD à Câmara de Caminha, tem 54 anos, é casado e tem 2 filhos.

É natural de Riba de Âncora onde sempre viveu. Desenvolveu a sua atividade profissional maioritariamente no concelho de Caminha, como professor do ensino básico. Desde sempre manteve um papel ativo na vida social, desportiva e cultura do concelho.

Foi presidente da Associação Recreativa e Cultural de Riba de Âncora - ARA - e do Conselho Diretivo dos Baldios da Freguesia.

É ainda hoje vice-presidente do Centro Paroquial e Social de Santa Maria de Riba de Âncora. Ha 30 anos que desenvolve atividade política.

Foi presidente da Junta de Freguesia de Riba de Âncora, deputado municipal, vereador e vice-presidente da Câmara de Caminha.

Em entrevista ao Jornal Caminhense, o candidato do PSD garante que esta não foi uma candidatura imposta.

Homem de trabalho, assume que não tem jeito para discursos políticos, algo que não o preocupa pois, como o mesmo faz questão de afirmar,

as pessoas preferem os políticos de trabalho aos de oratória. Captar investimento para dessa forma gerar emprego

que consiga atrair pessoas a viver em Caminha, é uma das bandeiras de Flamiano Martins, ao que se junta o trabalho

em equipa com todas as instituições. O setor primário é a grande aposta do candidato social democrata.

Jornal Caminhense (JC) - Flamiano Martins, integra há cerca de uma década o actual executivo que agora abandona a Câmara de Caminha liderado por Júlia Paula Costa.

De si, nos bastidores políticos, diz-se que é um excelente número dois, mas uma fraca primeira opção, com pouco poder de argumentação.

Sempre foi sua aspiração política ser candidato à presidência da Câmara de Caminha, ou esta candidatura foi-lhe imposta?

Flamiano Martins (FM) - Não foi imposta, penso que surge de uma forma natural. Tenho uma vida de autarca de 30 anos mas nunca persegui nenhum lugar. Surgiu-me a oportunidade de ser Presidente da Junta de Freguesia de Riba de Âncora na altura em que concorria à presidência da Câmara Abílio Silva, mercê do trabalho que realizei desde adolescente nas diversas associações culturais e recreativas de da freguesia. Mais tarde vim para a Câmara Municipal como adjunto da senhora presidente, fui vereador e posteriormente vice-presidente.

Poderei não ser homem de discursos, efetivamente não sou, mas sou um homem de trabalho. Penso que no paradigma político da atualidade o que as pessoas apreciam num político não é tanto o poder de oratória, o poder do discurso, mas sim a capacidade de trabalho. Penso que tenho essa capacidade de trabalho, tenho projetos para o concelho e julgo que Caminha só terá a ganhar se eleger um político como eu. Conheço o concelho, sempre trabalhei aqui, sempre estive disponível para as pessoas ao longo destes 11 anos.

JC - Quer dizer que a mais valia que apresenta ao eleitorado é o facto de ser um profundo conhecedor do concelho de Caminha?

FM - Eu conheço muito bem o concelho de Caminha. Acredito nas instituições e nas pessoas, mas não sou pessoa de fazer falsas promessas, de prometer por prometer. Melhor do que prometer é ajudar as pessoas a resolverem os problemas e é isso que eu tento e gosto de fazer.

JC - Flamiano, olhando para a sua lista concluímos duas coisas: É clara uma aposta na continuidade, ao escolher para o acompanhar Mário Patrício, actual vereador, mas também em novos nomes sem créditos profissionais conhecidos. Parece-lhe uma boa aposta?

FM - Apostei em pessoas que comigo irão dar continuidade a um trabalho iniciado há 11 anos, que está à vista de todos e que as pessoas reconhecem. São pessoas que sempre estiveram ligadas ao concelho e que sempre trabalharam em prol do concelho.

JC - Mesmo pessoas a quem não se conhece grande currículo político como é o caso de Liliana Silva que, curiosamente, é filha do adjunto da actual presidente da Câmara...

FM - Liliana Silva tem um trabalho muito meritório ao nível da educação na Ancorense, toda a gente o reconhece. Ao nível social também é notório o seu trabalho. É uma pessoa jovem e por isso também não se pode exigir um grande currículo político. As pessoas preferem os políticos de terreno que trabalham para o bem comum.

JC - Se no próximo dia 29 de Setembro for eleito presidente da Câmara de Caminha, o que é que vai fazer de modo diferente do que foi feito até aqui? Em que é que a sua governação se vai distinguir da de Júlia Paula?

FM - As grandes obras como as que se fizeram no concelho, e que toda a gente reconhece, poderão a partir de agora ficar em segundo plano. Neste momento o importante é investir em atividades e acções que promovam a economia do concelho, que tragam riqueza. Temos que captar investimento e dessa forma gerar emprego que consiga atrair pessoas a viver em Caminha. Não queremos para o concelho aquilo que está a acontecer noutros locais, com as pessoas a emigrar cada vez mais à procura de novas oportunidades.

JC - Mas o que é que se pode esperar das suas políticas, em que é que elas vão

ser diferentes? no que é que vai apostar?

FM - Neste momento todos temos consciência que sozinhos não conseguiremos fazer nada, ou então conseguiremos muito pouco. Uma das nossas apostas será tentar unir todas as entidades e instituições, trabalhar muito com as pessoas, com as Juntas de Freguesia, para em conjunto criarmos soluções para os problemas da nossa população. Vamos procurar que os nossos produtos endógenos, aquilo que nós temos de melhor na nossa terra, sejam valorizados e dessa forma gerar maior riqueza.

JC - Olhando para estes 12 anos de governação social democrata em Caminha, o que é que considera que foi mal feito e é necessário corrigir? Quais os pontos negativos da governação de Júlia Paula Costa?

FM - Não vou certamente dizer mal de um trabalho no qual eu participei.

JC - Mas a própria presidente da Câmara de Caminha, em entrevista ao Jornal Caminhense, admitiu que nem tudo foi bem feito. E que algumas coisas não conseguiu fazer.

FM - Claro que nós estamos sempre insatisfeitos com aquilo que fazemos. Se no final do trabalho fizermos uma reflexão sobre aquilo que fizermos, de certeza que há sempre coisas que faríamos diferente.

JC - E que aspetos seriam esses?

FM - Admito que faltam alguns projetos que estavam prometidos como é o caso da zona industrial de Vilar de Mouros. Não foram feitos por diversas razões, principalmente a falta de financiamento. Como sabe a crise levou ao adiamento de vários projetos, mas também realizamos muitos outros. Temos uma obra que se reconhece e que as pessoas reconhecem.

JC - Quando fala em "trabalharmos todos em conjunto", refere-se ao orçamento participativo?

FM - Também, embora nós lhe demos outros nome. Como sabe no presente Plano de Atividades, que está a decorrer neste momento, tivemos o cuidado de ouvir todas as Assembleias de Freguesia onde estão representadas todas as forças políticas eleitas. Muitas das propostas saídas dessas reuniões foram incluídas no actual Plano de Atividades camarário. Embora a figura de orçamento participativo não seja bem esta, podemos de certa forma considerar que há aqui uma participação.

A ideia que tenho em relação às muitas instituições que existem nas várias freguesias do concelho, é que muitas vezes elas trabalham de costas voltadas umas para as outras. Vou tentar que as juntas formem uma espécie de concelho de freguesias que permita apresentar propostas, e em conjunto com a Câmara executar alguns projetos.

JC - Defende portanto uma nova plataforma de diálogo. Acha que isso não tem existido com o executivo liderado pela actual presidente?

FM - Eu julgo que o diálogo tem existido embora por vezes não de uma forma sistemática. Penso que nesta matéria ainda temos um caminho a percorrer. Não estamos a inventar nada porque tenho a certeza que neste momento toda a gente entende que se trabalharmos unidos conseguiremos realizar mais depressa os projetos.

JC - Se for eleito, qual é que vai ser o seu projeto para Caminha, numa altura em que o dinheiro não abunda nas autarquias? Vai ser necessário governar de forma muito meticulosa e ponderada.

FM - O meu projeto para Caminha engloba 18 objetivos gerais e que são: Promover a criação de emprego e atrair mais projetos empresariais, um projeto que já foi iniciado e está a ser desenvolvido pelo Caminha Empreende; apoiar as atividades económicas mais significativas e o tecido empresarial do concelho; promover a fixação de famílias e jovens no concelho, já o estamos a fazer com o incentivo à natalidade e uma outra medida que já anunciei e que se prende com a isenção de taxas →



para a requalificação de habitações para jovens casais; potenciar o turismo que é um dos setores estratégicos para a economia do concelho.

Outro dos meus projetos é dinamizar o setor primário. Quem me conhece sabe que já desenvolvi vários projetos ligados à agricultura, pescas e floresta; vocacionar os produtos endógenos para a criação de riqueza e postos de trabalho, temos um concelho riquíssimo em recursos que não estão devidamente aproveitados; garantir a segurança de bens e pessoas; preservação do património público; garantir melhores condições de transporte público principalmente do interior do concelho e melhoria nas acessibilidades.

Vamos igualmente pugnar pela preservação do meio ambiente e por melhores condições de salubridade. Neste momento ainda temos algumas zonas sem saneamento que queremos cobrir. Iremos proporcionar melhores serviços à população, principalmente na questão do atendimento onde pensamos que há ainda um grande trabalho a fazer. Queremos dar melhores condições aos nosso munícipes.

JC - Nesta campanha eleitoral já fez saber que o setor primário é uma das suas apostas. Até agora, enquanto membro do actual executivo, vimo-lo a distribuir porcos, galinhas e sementes. É essa a sua aposta no sector primário?

FM - Esse projeto, que alguns criticaram

e até se riram dele, teve um objetivo muito claro que não passa apenas por distribuir plantas, porcos e galinhas. O objetivo do projeto é mostrar às pessoas que esta atividade pode constituir um complemento ao orçamento familiar. Em vez de irem tantas vezes ao supermercado comprar produtos, podem ser os próprios a produzi-los.

JC - Mas é essa a sua aposta?

FM - É evidente que não é só esta a nossa aposta. Primeiro fizemos um trabalho de sensibilização, chamando a atenção das pessoas para a importância da agricultura. Depois para a possibilidade de não produzirem apenas para consumo próprio, mas também para a possibilidade de venderem o excedente nas feiras. Agora queremos que eles vão mais longe e produzam ainda mais por forma a poderem ser criadas redes comerciais que permitam escoar o produto. A aposta será incentivar a agricultura e uma maior produção que permita maior rendimento aos agricultores do concelho.

JC - É uma aposta algo inovadora uma vez que há muito que está provado que a agricultura de subsistência não permite dinamizar o tecido local.

FM - Volto ao mesmo, os agricultores também têm que se unir e trabalhar em conjunto para obter mais rendimentos.

JC - Mas não é um processo simples,

exige inclusive alguma formação.

PM - Claro e estamos a contar com jovens que estejam interessados nessa formação.

JC - Para além de ser um complemento ao orçamento familiar e de contribuir para a preservação do espaço rural, que outras apostas podem ser feitas no setor agrícola concelhio?

FM - Para além do que já referi anteriormente julgo que é importante preservar este mosaico de paisagens que é o nosso concelho. É importante valorizar-mos a atividade agrícola e os produtos que dela advêm. Valorizar a profissão do agricultor e deixar de o ver como o homem ou a mulher que estão sujos também é fundamental. Também desenvolvemos um programa de acesso ao crédito no valor de 5 mil euros que vamos avaliar no sentido de saber se está a resultar ou se há necessidade de o reajustar.

JC - Há décadas que os nossos pescadores lutam com uma barra assoreada e perigosa que há 3 anos matou 3 homens, isto para falarmos apenas das mortes mais recentes. Em Vila Praia de Âncora o mesmo cenário, felizmente sem vidas a lamentar. O Portinho foi mal construído é necessário dragar constantemente. A pergunta que lhes faço é porque é que a câmara de Caminha nunca tomou uma

posição de força em relação a estes dois problemas por forma a defender os pescadores do concelho e a atividade piscatória, um dos motores do desenvolvimento no concelho?

FM - Relativamente à sua pergunta gostava de dizer que a Câmara de Caminha sempre esteve ao lado dos pescadores. Lembro que há dois mandatos atrás, estava o PSD no Governo, conseguimos desassorear uma parte junto ao cais da rua que possibilitou aos pescadores descarregar o peixe.

JC - Mas percebeu-se que isso não basta. Não basta dizer que se está ao lado dos pescadores e perceber que o problema persiste há décadas. O que é que é preciso fazer?

FM - Como já disse a Câmara tem estado ao lado dos pescadores a lutar pela resolução destes problemas e a verdade é que algumas coisas foram conseguidas embora não na totalidade. Repare, para as coisas correrem minimamente bem, seria necessário, pelo menos, uma intervenção anual ou quando muito bianual.

JC - Ou então avançar para uma intervenção de raiz quer em Caminha quer em Vila Praia de Âncora.

FM - Isso seria o ideal mas repare, eu também não sou técnico para saber se uma intervenção de raiz iria resolver o

problema definitivamente.

JC - Mas como candidato não acha que devia defender um tipo de solução definitiva?

FM - Claro que sim e os pescadores sabem que defendi, defendo e defenderei sempre, até à última, uma solução que lhes resolva o problema e lhes dê melhores condições de trabalho. Mas como sabem isto não depende apenas da vontade da Câmara mas sim do Governo Central. Temos tido contactos constantes com os nossos governantes e ainda há pouco tempo tivemos a garantia do senhor secretário de estado do Mar que irá ser estudada a forma de resolver o problema do Portinho de Vila Praia de Âncora.

Reconhecemos as dificuldades mas também sabemos que os pescadores têm trabalhado e este verão deu até para equilibrar os prejuízos que tiveram durante o inverno por causa do mau tempo.

Nesta área temos trabalhado em conjunto com os pescadores para que apresentem projetos no âmbito do PROMAR e mesmo projetos inovadores como é o caso de Seixas, onde lançamos a ideia de no próximo ano criarmos o Festival do Peixe Branco e que já deu resultados no Mercado Medieval de Seixas.

JC - Mas a verdade é que ao não se apostar numa solução de raiz, o número de embarcações registadas, quer em Caminha quer em Vila Praia de Âncora, tem diminuído drasticamente nos últimos anos.

FM - Não sei se essa diminuição tem a ver com a falta de condições ou com as políticas que têm sido adotadas na área das pescas. Repare que foram dados subsídios aos pescadores para abandonarem a atividade. Aconteceu o mesmo com a agricultura.

JC - Isso aconteceu sobretudo com o Governo de Cavaco Silva.

FM - Não sei se foi com esse ou com outro, não estou aqui a defender governos mas sim o município de Caminha, neste caso os pescadores e os agricultores. A verdade é que esses subsídios foram dados e isso foi errado porque debilitou muito o sector primário que ficou decrépito e sem pessoas a trabalhar.

JC - Já o ouvimos dizer que pretende transformar a floresta numa fonte de riqueza. Como é que o vai fazer?

FM - O primeiro passo a dar é perceber como é que vamos gerir a floresta. Aqui no concelho temos várias realidades: temos uma floresta que pertence a particulares e que ocupa uma área muito grande; temos floresta comunitária, os tradicionais baldios que em alguns casos estão muito abandonados. O importante é pôr estas instituições a trabalhar. A floresta tem que ser olhada de uma outra forma e a câmara terá que dar ajuda técnica nesta matéria. Há necessidade de elaborar alguns estudos, começar quase do princípio mas para isso é preciso que os compartes e as instituições que os representam olhem para a floresta de outra forma. Não podemos apenas pensar em colher os rendimentos,

é preciso investir na floresta.

JC - E como é que uma câmara consegue pôr essas entidades a olhar para a floresta de forma diferente?

FM - Dando o exemplo. Já tentamos desenvolver diversas ações de sensibilização, dezenas de reuniões com juntas e baldios, mas a verdade é que não temos tido grandes resultados.

Temos que apostar fundamentalmente na prevenção e não no combate aos fogos. O dinheiro que se gasta no combate aos fogos podia ser gasto na prevenção, é nisso que temos que apostar.

JC - Flamiano, está há mais de uma década na Câmara de Caminha. Há mais de uma década decorre a revisão do Plano Diretor Municipal (PDM). O que é que se passa com esse processo obscuro? Nunca ouvimos falar do Plano Diretor Municipal, não conhecemos em que pé está a sua revisão e, mais do que tudo, porque é que demora tantos anos a ficar pronto? Não é fundamental para traçar uma estratégia de desenvolvimento concelhio, um Plano Diretor Municipal atualizado?

FM - É verdade que o PDM já está em revisão há algum tempo mas também não é menos verdade que fomos confrontados com algumas alterações de legislação, mudança das comissões de acompanhamento, situações a que somos alheios.

Já reunimos com as juntas de freguesia para sabermos qual é a opinião delas em relação ao PDM, já reunimos com a comissão de acompanhamento na CCDR-N que aprovou a nossa proposta de REN que foi posteriormente submetida à comissão nacional. Neste momento estamos à espera de uma resposta. Sabemos que é um processo demorado.

JC - Quando se prevê que esteja concluída esta revisão?

FM - Eu não gosto de fazer previsões mas acredito que em 2014 o processo poderá estar concluído.

JC - Vamos passar a outro tema: que política cultural defende para o concelho de Caminha?

FM - A política cultural está mais ou menos desenhada e não iremos alterar muito aquilo que temos neste momento. Além de defender as nossas associações, as nossas coletividades vamos continuar a apostar no seu apoio e na sua colaboração. Vamos desenvolver e melhorar alguns dos nossos recursos como é o caso do centro histórico que temos vindo a recuperar. Vamos ter muito em breve o Teatro Valadares. Vamos continuar a apostar em todos aqueles eventos que temos vindo a desenvolver nos últimos anos e também no Festival de Vilar de Mouros que será uma realidade em 2014.

JC - Já o ouvimos dizer nesta entrevista que uma das suas apostas será a fixação de jovens no concelho. Como é que o vai fazer? Temos notado que nos últimos anos a autarquia tem sido a entidade que mais emprego tem criado nos

seus quadros. O número de funcionário tem aumentado enquanto que a população tem decrescido. É desta forma que pretende fixar os jovens no concelho?

FM - Não só. Em relação aos funcionários da autarquia quando entramos para a Câmara o que encontramos foi um quadro pouco qualificado. Face a essa realidade tentamos qualifica-lo através da contratação de pessoas formadas e isso claro, aumentou o número de funcionários. Com a transferência de algumas competências do estado para as autarquias obrigou-nos a contratar pessoal para fazer face a essa nova realidade.

Relativamente à fixação de jovens a verdade é que eles só vêm para cá se tiverem onde trabalhar, condições para constituir família e criar os seus filhos. É nesse sentido que vamos trabalhar.

JC - A travessa do teatro em Vila Praia de Âncora que a REFER decidiu encerrar em 2009, é um dos problemas que mais dores de cabeça tem dado à população de Vila Praia de Âncora e aos comerciantes que se queixam de ter perdido muitos clientes que estacionavam do outro lado da linha férrea. A Câmara de Caminha, liderada pelo PSD, tem-se mostrado contra esta decisão da REFER e até já apresentou soluções alternativas para manter a passagem aberta. No entanto, em 2001, em campanha eleitoral, o PSD prometeu encerrar todas as passagens de nível no concelho de Caminha. Em que ficamos: Concordam ou discordam? Querem ou não todas as passagens de nível encerradas no concelho?

FM - Essa medida que foi anunciada em 2001 e que eu desconhecia, teve a ver com questões de segurança. Relativamente ao encerramento da Travessa do Teatro sabemos que tem causado prejuízos aos comerciantes e às pessoas, é uma situação que ainda está pendente, temos abertura por parte da REFER para apresentação de soluções para aquela travessia. Provavelmente, para resolver o problema, terá que se optar por uma solução subterrânea.

JC - O que aconteceu a outros projetos como o Centro Paroquial e capelas Mortuárias de Vila Praia de Âncora, um projeto que chegou a ser apresentado em 2005, e à requalificação do largo da Feira em Seixas, também prometido?

FM - Como já tive oportunidade de referir anteriormente houve projetos que não conseguimos realizar mas isso não quer dizer que estejam esquecidos. Tendo em conta as dificuldades económicas que existem, admitimos que alguns desses projetos tenham que ser revistos futuramente. Em conjunto com as freguesias teremos que equacionar estas questões e ver qual é a melhor solução.

JC - Gostaria que enunciasse o problema concelhio que considera mais grave e que apontasse soluções.

FM - Para mim o problema mais grave no nosso concelho é a questão do emprego e as dificuldades que as famílias neste momento têm para fazer frente às despesas do dia a dia. É o que mais nos preocupa

neste momento mas penso que Caminha tem recursos enormes que podem ajudar a resolver parte deste problema criando novas oportunidades de emprego. Uma área que não falamos aqui é a área do desporto. Queremos transformar o concelho na capital do desporto de natureza que pode ser praticado durante todo o ano. Dessa forma podemos ter empresas a apostar nestas áreas que por sua vez irão atrair pessoas ao concelho. É um potencial que queremos aproveitar e potenciar.

JC - É uma promessa?

FM - É uma promessa.

JC - Vai fazer outras durante esta campanha eleitoral?

FM - Eu não diria que são promessas, são metas a atingir.

JC - Voltando ao turismo como pensa a Câmara combater o problema da sazonalidade?

FM - Desde logo não olhando apenas para as praias apesar de serem belas, mas olhar para outras atividades que possam igualmente potenciar o turismo. Temos mar, temos rio, temos montanha, paisagens belíssimas, um património riquíssimo e por isso é importante aproveitar.

JC - O candidato da CDU dizia na sua entrevista que o que falta ao concelho de Caminha é um plano que direcione o investimento para o desenvolvimento local. Concorda?

FM - Provavelmente ele tem razão. Conheço muito bem o candidato da CDU e será para mim um prazer muito grande trabalhar com ele.

JC - Quer dizer que está disponível para dialogar com Celestino Ribeiro?

FM - Estou disponível para dialogar com ele e com qualquer um. Estou aberto a todas as ideias porque penso que é isso que traz mais valia. Gosto de trabalhar em equipa e portanto Celestino Ribeiro será bem vindo.

JC - Quer dizer que se vencer as eleições vamos entrar numa nova hera de gestão da autarquia?

FM - Sim porque as condições a isso exigem. Como disse o paradigma não são as obras mas sim a captação de investimento de forma a criar riqueza no concelho de Caminha.

JC - Para terminar, quer deixar alguma mensagem ao eleitorado?

FM - A única mensagem que gostava de deixar é que é com grande sentido de responsabilidade que estou a candidatar-me a presidente da câmara. Sinto que estou à altura deste desafio, tenho muito para dar ao concelho, quero continuar a servir as pessoas e a ajuda-las a resolverem os seus problemas. Acredito nas pessoas, nas instituições e penso que todos juntos vamos conseguir ultrapassar problemas e trazer mais desenvolvimento ao concelho de Caminha.

Luis Miguel da Silva Mendonça Alves, 38 anos, casado, nasceu em Lisboa, reside em Vila Praia de Âncora, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, é advogado, diretor de um empresa, gosta de dedicar o "pouco" tempo que lhe sobra (sobretudo em tempo de preparação para as eleições autárquicas), à música, canta e toca viola, e pesquisa novos valores musicais. É adepto do Benfica, gos-

ta de jogar futebol, "namorar", de viagens, de turismo gastronómico e de ler. "Gosto de jogar com a fantasia dos autores sul americanos, gosto de autores brasileiros, chilenos, do Sepulveda, do Cortazar da Argentina, dos peruanos, Vargas Llosa, dos colombianos, Garcia Marquez, mas gosto também e sobretudo da leitura mais dura, mais agreste, dos autores russos. Gosto muito de uma leitura que vá até ao

limite, das paixões avassaladoras, dos amores que não se contêm, da dor. Gosto de ver escritas de forma realista as paixões levadas ao limite porque isso tem a ver comigo", revela Miguel Alves.

Do signo Virgem, o candidato é homem para dar uma espreitadela na astrologia. "Sou todo Virgem. Se lermos as previsões sobre esse signo, sempre falam de uma pessoa

estruturada, racional, equilibrada, perfeccionistas, que tem dificuldade de sair da sua própria malha, como eu próprio crio para mim. Sou exatamente isso. Sou Virgem, mas devo ter ascendente Virgem e mais qualquer coisa Virgem", comenta.

Criar as suas próprias regras é uma das suas características que desde cedo começou a evidenciar. "Sempre tive que assumir respon-

sabilidades porque tenho dois irmãos mais novos, a minha irmã que hoje é enfermeira e o meu irmão que teve de emigrar porque infelizmente aqui não teve oportunidades e trabalha em Espanha, em Albacete. Então era eu que ficava em casa nos três meses de Verão e cuidava deles. E lembro-me que naquela ansiedade de ajudar os meus pais, organizava pequenos negócios em que a limpeza de uma determinada divisão equivalia a determinado preço", conta Miguel Alves.

Apontar defeitos em si próprio, o candidato até consegue, mas acaba por considerá-los virtudes: "Há quem diga que eu sou teimoso, eu gosto de pensar que sou determinado, há quem diga que eu sou cabeça dura, eu gosto de dizer que tenho as ideias bem estruturadas e já pensadas. Tenho um defeito pessoal que é uma permanente insatisfação que me leva a nunca atingir patamares de felicidade. Quando atinjo um objetivo, tenho logo necessidade de ter outro objetivo".

O pai José Alves, confirma a personalidade vincada do filho, que desde novo se mostrou o mais responsável dos três irmãos. "Era de tal maneira que ainda hoje as pessoas me dizem, que quando eu trabalhava em Viana e eles saíam da escola, vinham os três pelo caminho abaixo sempre em fila. Os mais novos à frente e o mais velho atrás", lembra, referindo que Miguel Alves, era pouco dado a traquinices, embora uma vez tenha colocado água no depósito do seu carro, sem causar danos de maior. Ainda criança já revelava, aos olhos dos adultos, qualidades para um futuro auspicioso. "Sempre deu a entender que ia ser um homem de leis. Tenho um primo que ainda há dias me contou que quando o Miguel tinha uns 10 anos, fez um discurso em sua casa que ele disse logo: 'Ou vai dar político ou advogado'. Pois deu as duas coisas", diz orgulhoso José Alves, referindo que à parte do Direito, Miguel também se ajeita na escrita e nas cantorias. "Tem jeito para as letras, canta e toca. Demos-lhe uma viola. Ainda hoje canta se lhe pedirem. Tem realmente uma voz formidável", comenta.

Quem também lhe conhece bem os dotes vocais, é a mulher, Filipa Vale, natural de Monção, que Miguel Alves conheceu em 1996 no seu tempo de estudante num comboio numa das muitas viagens nas idas e vindas para a



"EM CRIANÇA NEGOCIAVA AS TAREFAS DOMÉSTICAS COM OS PAIS"

Luis Miguel da Silva Mendonça Alves

universidade. "Nunca nos encontramos no Minho curiosamente. Encontramo-nos no Intercidades numa viagem para o Norte e foi uma coisa assim de amor à primeira vista. Foi logo uma ligação forte logo nesse dia e por aí continuou", conta a mulher com quem acabou por casar em 2008. A música teve um papel importante na história do casal: "Fez-me uma serenata em Coimbra e no dia do casamento convidou pessoas desse tempo e cantou duas ou três músicas para mim. Foi um momento muito bonito. Arrepio-me a falar dele", confessa Filipa Vale. Assistiu a este casamento, o sacerdote e amigo Valdemar Fernandes, que

louva as qualidades do político cantor: "Sendo eu pároco de Moledo, a paróquia dele, convivemos durante muito tempo e achei-o sempre ótimo, muito interventivo, dinâmico, participamos em muitas atividades juvenis, organizamos passeios e celebramos a fé em conjunto. É bem-disposto, divertido, com grande capacidade para reunir e com muitas qualidades mesmo musicais. Toda a vida dele é muito interessante e muito rica", afirma o padre. Por escolha de Miguel Alves, no seu casamento tocou "Dancing Queen" dos ABBA.

Ana Peixoto Fernandes



Miguel Alves



Eu vou ser o próximo

Miguel Alves, candidato do PS à Câmara de Caminha, não tem dúvidas quanto ao futuro. Vinte anos depois o candidato regressa para disputar a presidência da câmara. Sem desvalorizar algum do trabalho feito, Miguel Alves acusa o atual executivo. Em entrevista ao Jornal Caminhense o candidato fala dos seus projetos para

Jornal Caminhense (JC) - Miguel Alves é um jovem de sucesso. Com 38 anos já integrou um Governo, a autarquia mais importante do país, é diretor jurídico de uma empresa multinacional de captação de investimentos estrangeiros. A uma pessoa com este currículo imaginam-se sempre outros sonhos, sonhos mais altos do que a Câmara de Caminha. Outros vãos.

A pergunta que lhe faço é: o que o move a apresentar esta candidatura à Câmara de Caminha?

Miguel Alves (MA) - Olhe o que me move é precisamente o sonho. O sonho de poder fazer algumas coisas pela minha terra, a terra onde cresci, onde me fiz homem, onde adquiri as minhas estruturas familiares e académicas antes de ir para a faculdade. Mas este é no fundo um percurso natural porque eu também senti, através do trabalho que fiz no Governo e na Câmara de Lisboa, que havia um momento para sairmos dos salões dourados do poder para dar a cara no terreno. E este é o momento porque, é nos momentos difíceis como este que se exigem decisões extraordinárias e eu quis dar a rosto pela minha terra.

Pessoalmente considero que este é o momento para eu regressar à minha terra. Saí de Moledo com 18 anos para ir para estudar para Coimbra. Fui o primeiro licenciado de uma parte da minha família, trabalhei muito para poder adquirir o estatuto, a projeção e a independência económica que hoje tenho. Trabalhei como advogado durante muitos anos em Guimarães, depois fui convidado para os lugares que já citou, e hoje sinto que está na hora de voltar. Não tenho filhos mas estou numa fase em que os quero ter e eu entendo que a nossa terra tem todas as condições para que se possa ter uma vida familiar com qualidade.

JC - E só vai regressar se vencer a Câmara de Caminha, se for eleito presidente?

MA - Não, eu vou regressar. Aliás eu já regresssei, já cá estou. E estou aqui para um projeto longo, para um projeto de 8 a 12 anos. Mas como lhe dizia, eu já cá estou, e estarei em qualquer circunstância. Eu candidato-me hoje a presidente da câmara de Caminha porque sinto que tenho condições, tenho percurso e tenho energia que posso mobilizar em favor da minha terra. E estarei aqui para cumprir o mandato que as pessoas de Caminha, da minha terra, me derem. Tenho a firme convicção que serei o próximo presidente da Câmara de Caminha.

JC - E se for vereador da oposição, vai assumir o mandato?

MA - Se for eleito vereador da oposição assumirei naturalmente o meu mandato. Tenho milhares de pessoas que estão comigo, que acreditam no meu projeto, na minha forma de pensar e na minha forma de atuar. Tenho equipa e tenho vontade e por isso eu não posso defraudar estas pessoas porque elas contam comigo.

JC - Mas se for eleito vereador vai ser um mandato gerido à distância ou vai viver aqui em Caminha?

MA - Eu não vou ser vereador da oposição, eu vou ser o presidente da Câmara de Caminha.

JC - Como é que tem tanta certeza?

MA - Eu tenho esta convicção absoluta não só por aquilo que é o meu projeto, mas também pelo recebimento que a população tem dado as ideias que nós temos lançado. Também pelo modo como eu percebo que as pessoas estão envolvidas, ainda hoje de manhã estive na feira de Caminha e constatei que as pessoas me procuram. Por outro lado porque tenho a percepção que temos boas equipas tanto na Câmara, como na Assembleia Municipal, como nas Juntas de Freguesia. Temos as pessoas mobilizadas e temos números.

JC - Está a referir-se a sondagens?

MA - Naturalmente, estudos de opinião internos que nos ajudam a ter uma ideia daquilo que podemos fazer. Ajudam-nos também a perceber aquilo que podemos colmatar em termos de projeção de imagem e clareza da mensagem que queremos partilhar. Isso tem-nos ajudado e tem-nos dado algumas garantias, muita força e confiança para o futuro.

JC - E o que é que esses estudos tem revelado? Que será o vencedor das próximas eleições autárquicas?

MA - Estes estudos, são estudos que estão ligados à máquina partidária que, nos termos legais, nem podem ser divulgados. Mas aquilo que lhe posso dizer é que são estudos que nos têm dado muita confiança e absoluto convencimento de que o projeto que temos para Caminha é um projeto vencedor.

JC - Na sua equipa candidata à Câmara de Caminha tem técnicos com créditos firmados nas áreas onde trabalham ou trabalharam. Pessoas de renome.

Dos 4 primeiros nomes da lista para



presidente da Câmara de Caminha

será o próximo presidente da autarquia. Natural de Moledo saiu da sua terra aos 18 anos para estudar direito em Coimbra. Caminha com "muita energia" e com um projeto que considera forte. Crítico de falta de estratégia, falta de rumo, e não ter sabido escolher um caminho. Para o concelho e promete que se for eleito ninguém vai ficar para trás.

MA - A Câmara, 3 vivem ou viveram durante décadas fora do concelho de Caminha.

Acha que estão mesmo preparados para governar um pequeno município, com uma realidade muito diferente da de Lisboa ou de qualquer organismo estatal?

MA - Estamos absolutamente preparados e eu sinto-me completamente à vontade com a equipa que escolhi. Eu devo dizer que esta foi uma das marcas identitárias que eu tentei transmitir desde o primeiro momento. Eu assumo-me como o candidato que propõe uma alternativa ao actual estado das coisas. Repare, eu não sou daqueles que dizem mal de tudo e que não conseguem encontrar nenhuma virtude no trabalho que foi feito, eu encontro virtudes. Mas o que eu quis foi mostrar desde início foi diferença porque eu sou, e lidero um projeto alternativo. E quis que essa diferença ficasse marcada logo a partir do momento em que escolhemos os protagonistas, porque eles são fundamentais. Nós temos que trabalhar em equipa, acabou o tempo de existir uma figura providencial que toma conta de tudo, decide sozinho, não ausculta ninguém. Nós hoje temos que tomar boas decisões e decisões assentes em critérios claros do ponto de vista científico, do ponto de vista técnico e também do ponto de vista emocional. E eu devo dizer que estou completamente à vontade com a equipa que escolhi. É verdade que temos gente nesta equipa que nem sempre viveu em Caminha, mas elas não viveram sempre aqui porque tiveram que encontrar outras oportunidades para ter o seu próprio emprego e a sua própria família. No entanto, a aprendizagem que tiveram nesses locais, dá-lhes um carimbo de qualidade que é absolutamente claro. Eu devo dizer, aliás, que existe uma grande felicidade nesta escolha que os caminhenses podem fazer relativamente às listas que se candidatam. Isto não só porque as lideranças são diferentes, como também o são as equipas. A minha equipa é feita de homens e mulheres de grande valor que não só estão preparados para governar Caminha, como estão mobilizados para este projeto e isso é que é a verdade. Estes homens, e no caso concreto Guilherme Lagido, é uma pessoa que teve um percurso inigualável. Trabalhou no Parque Nacional da Peneda Gerês e noutros parques naturais, é um homem ligado ao IFADAP, ligado à agricultura e às pescas, à economia, deu aulas no ISEG, é um homem absolutamente preparado e com uma ligação íntima a Vila Praia de Âncora. Trabalhou muito com os pescadores, com os agricultores e produtores florestais. É um homem absolutamente preparado para liderar um projeto e uma

estratégia para a economia do concelho.

Mas podemos falar das outras pessoas: Ana São João, por exemplo, é uma mulher de créditos firmados que trabalhou durante muito tempo no Vale do Âncora e que hoje trabalha no Vale do Coura como directora do Centro Social e Paroquial de Vilarelho. Tem um contacto personalizado com famílias, vai a casa das pessoas, conhece a realidade e é uma pessoa com grande preparação na área social, uma área que considero fundamental num momento tão difícil como é aquele que vivemos. E já agora o número 4, que é um homem de Seixas, que lá viveu a vida toda. Refiro-me ao Rui Teixeira que é administrador hospitalar. Trabalha na parte financeira e dá-me garantias absolutas de que poderemos ter uma gestão rigorosa, uma gestão de qualidade na parte financeira da câmara, essencial para levar por diante qualquer projeto de sustentabilidade do concelho. Estou muito seguro com a minha equipa, com a sua qualidade e preparação e considero que isso marca a diferença em relação a outros projetos.

JC - A escolha da sua equipa foi uma escolha pessoal. Foi buscar pessoas sem ligação à política concelhia, pessoas que não são filiadas no partido socialista, independentes.

Não encontrou no PS elementos à altura do desafio?

MA - Há muita gente com qualidades e com capacidade para poderem trabalhar num projeto autárquico do partido socialista do concelho de Caminha, não tenho dúvidas nenhuma sobre isso. Esta é claramente uma candidatura do Partido Socialista, mas é também uma candidatura maior do que Partido Socialista. As pessoas hoje em dia já não entendem que os bons candidatos ou os bons políticos, sejam aqueles que numa determinada estrutura partidária sobrevivam às próprias guerras internas. O que as pessoas querem é um bom gestor, gente com qualidade, gente que tenha prestígio e capacidade de perceber as coisas, que tenha capacidade técnica mas também capacidade de atuação.

JC - Não havia ninguém com esse perfil em Caminha?

MA - As escolhas são sempre feitas entre pessoas e eu nunca escolhi ninguém por estar no PS ou fora dele. A minha escolha assentou na qualidade das pessoas que eu tinha à minha frente e preparadas para se envolverem neste projeto. E é verdade, Guilherme Lagido e Ana São João são pessoas independentes, não são do partido. O número quatro já é um homem do Partido Socialista, mas eu nunca coloquei

isso como critério. O critério é o projeto, um projeto social, um projeto de força, de desenvolvimento para o concelho, um projeto aberto.

Estes homens e estas mulheres não dependem da política, eu não dependo da política. Temos todos uma profissão e se um dia o concelho de Caminha entender que nós não temos um papel, nós teremos o nosso trabalho. Estamos portanto muito à vontade com esta situação. A verdade é que, apesar do percurso de cada um de nós, estamos todos mobilizados e preparados para este grande projeto, e isso deve ser visto como uma grande vantagem da parte da minha candidatura.

JC - Quer dizer que na sua escolha privilegiou, ao contrário de outras candidaturas que assentam mais na figura do número um, o trabalho em equipa?

MA - Nós temos um projeto diferente, um projeto alternativo. O nosso projeto é de equipa e é de qualidade, qualidade intrínseca de gente com percurso, com currículo, inclusivé os mais jovens.

Se quisermos debater a economia do concelho, para onde vamos, a estratégia, como criar emprego ou determinado tipo de vetores, temos Guilherme Lagido na nossa lista. Se quisermos criar rede social, saber como enfrentar os desafios das famílias que passam dificuldades, das pessoas mais carenciadas, temos Ana São João. Se quisermos saber como podemos dar sustentabilidade financeira à Câmara de Caminha, temos um homem com as características de Rui Teixeira. Eu sei que tenho estas pessoas e esta valia na minha equipa.

Relativamente à figura das lideranças eu acho que aí nós estamos relativamente à vontade. Neste momento temos três candidatos à Câmara Municipal de Caminha que juntam três características muito importantes: trabalho, seriedade e competência. Os três têm essas características.

JC - E com promessas muito parecidas: mais diálogo, orçamento participativo... A escolha vai recair então no candidato que as pessoas acham que melhor pode desenvolver esses projetos?

MA - Absolutamente, mas deixe-me dizer o seguinte: em primeiro lugar temos três candidatos de trabalho, seriedade e competência e isso coloca-nos a todos, de facto, num patamar importante e bom para o concelho de Caminha tenha esta escolha com esta base. Mas também temos as nossas diferenças. Eu devo dizer que a questão do emprego, do diálogo e da participação, foi uma questão introduzida por mim na campanha eleitoral, isso que

fique bem claro.

JC - E como é que vai desenvolver e por em prática essas ideias?

MA - Esta é uma excelente oportunidade para podermos conversar sobre isso. Compreenda que há determinado tipo de linguagem e de envolvimento que nos obriga de facto a criar uma estratégia de comunicação. Em primeiro lugar pela consistência da própria mensagem, a minha mensagem é hoje muito mais forte e consistente do que era há seis ou três meses. Porquê? Porque tenho falado com as pessoas, conversado com as instituições tentando perceber as dificuldades e os desafios. É nesta fase da campanha que nós temos maior consistência no nosso projeto e nas nossas ideias.

Em segundo lugar eu devo dizer o seguinte: se há candidatura que tem lançado ideias e projetos é a nossa. Há uma candidatura que defende um legado, sem nenhuma ideia para o futuro e a outra, que é a nossa, que avalia o passado mas pensa e propõe o futuro. Essas ideias têm sido capitalizadas pelos nossos adversários e, neste momento, são até chavões de outra candidatura.

Mas eu quero ser muito claro em relação à questão da estratégia e como é que a nossa candidatura se propõe de facto liderar um projeto que tem como eixo central o desenvolvimento económico do concelho e portanto a captação e criação de emprego. Esta é uma candidatura crítica relativamente aquilo que aconteceu nos últimos anos. Eu não concordo com as ideias de que os Municípios nada têm a ver com a criação de emprego. Eu entendo que a criação de emprego tem a ver com a capacidade das empresas se valorizarem, de criarem riqueza, tem a ver naturalmente com algumas medidas europeias e do próprio governo, mas também acho que as autarquias têm um papel nisto. Se não tivessem, em Felgueiras não havia pleno emprego, ou Monção não estava com uma taxa de desemprego tão diferente, por exemplo.

Este tipo de ação, nesta campanha passa por três vetores essenciais: desde logo a aposta na criação do auto-emprego, naqueles que são profissionais liberais ou noutros que tenham vontade de criar um pequeno negócio; também pela criação de emprego através da captação de investimento que não temos, no concelho, neste momento.

JC - Mas nós não temos uma zona industrial e isso é fundamental para captar investimento.

MA - Já falei sobre isso mas deixe-me primeiro enunciar um terceiro vetor que

considero muito importante, que passa por nós agarrarmos os empregos que temos, as empresas e o comércio que temos. Mas para isso é preciso criar condições de empregabilidade no concelho. Nós hoje só vamos sobreviver se mantivermos aqui as famílias.

JC - E como é que vai conseguir criar essas condições de empregabilidade por exemplo no setor do turismo que é uma área fundamental no nosso concelho?

MA - Já falarei sobre o turismo, mas antes deixe-me concluir o meu raciocínio relativamente a esta questão do emprego. Condições de empregabilidade: nós precisamos de ter de facto condições de desburocratização e simplificação de procedimentos na Câmara de Caminha. Os comerciantes, os investidores ou até os particulares que queiram ter uma relação com a Câmara Municipal, não podem ser constantemente impedidos por dificuldades e burocracias que hoje já não se compreende. Até na linguagem, na forma de atuar e agir por parte da câmara. É importante que tenhamos um balcão municipal que tenha a capacidade de responder àquilo que são os anseios das empresas e dos empresários. Temos que ter, por exemplo, gestores de projeto na Câmara Municipal.

JC - Esse balcão municipal já não existe com o gabinete de apoio ao empresário?

MA - Existe mas com menor capacidade de intervir. Nós queremos um balcão diferente, um balcão que consiga dar respostas às pessoas e não apenas encaminhamento. Queremos um balcão que consiga responder diretamente às pessoas, e quando não souber responder, que procure a assuma a obrigação da dar a resposta que as pessoas e as empresas merecem.

JC - É uma crítica ao atual modelo, acha que não funciona bem?

MA - O que eu acho é que a Câmara deve assumir um desafio maior e, para tanto, deve ter a capacidade de ter gestores de projeto de modo a que o empresário saiba quem é a pessoa a quem se deve dirigir para procurar respostas. Deve ser mais interventivo, digamos que o gabinete deve estar fora do gabinete, à procura das dificuldades de cada uma das empresas, de perceber onde é que pode ajudar a escoar produtos, resolver questões burocráticas, e fundamentalmente procurar negócio. Há muitos negócios por aí, gente que quer implementar fábricas, empresas e que nós nem sabemos que existem. Temos que estar lá e criar condições para que isso possa acontecer.

Mas temos mais propostas: eu acho que é necessário criar um fundo municipal de apoio ao financiamento das micro e pequenas empresas. Nós hoje não temos muito dinheiro nem muitos recursos económicos, mas os que temos devem ser dirigidos para aqueles que são o fator de criação de emprego, e devemos também perceber quais são os incentivos do próximo Quadro Comunitário ao nível das obras, de reabilitação do edificado, para podermos potenciar algum tipo de empresa. Finalmente julgo que é importante atrair investimento privado. Os

recursos que temos no concelho não bastam e temos que ter a capacidade de procurar pessoas que aqui queiram investir. Julgo que Caminha não tem tido essa capacidade, pelo contrário, perderam-se inúmeros postos de trabalho nos últimos anos, pela incapacidade de resposta das autarquias em relação a esta matéria. Falo da Regency, da fábrica de sapatos, dos laticínios Âncora e da Aurélios.

JC - Mas a questão do desemprego não é um problema apenas de Caminha. É um problema nacional no qual tanto PS como PSD têm grande responsabilidade.

MA - Não tenho dúvidas nenhuma sobre a responsabilidade que os dois partidos têm nisto, mas eu falo da responsabilidade que eu tenho para com o futuro. E a minha responsabilidade é fazer com Caminha aquilo que se fez em Cerveira, em Monção ou em Felgueiras, onde a taxa de desemprego é baixa ou quase nula.

Temos é que trabalhar juntos. Por exemplo, temos que criar um Conselho Económico e Social do concelho de modo a que os atores e os agentes do nosso concelho, os comerciantes, aqueles que trabalham na área social, possam dar a sua opinião e participar nas decisões. Isto faz com que cresçamos e sejamos mais fortes.

JC - Turismo.

MA - O turismo é uma área fundamental mas não é, nem deve ser, a única área de actuação. O turismo é importante para o desenvolvimento do nosso concelho mas, para que isso aconteça, não podemos continuar a ter um turismo de Julho e Agosto. Nós temos que ter um turismo que combata a sazonalidade, um turismo onde a questão da identidade do próprio concelho seja o cerne fundamental do desenvolvimento económico. Nós temos que ter um rumo nesta matéria e temos que saber aquilo que queremos. Que públicos queremos atingir, de que modo queremos trabalhar e de que modo podemos potenciar estas questões. Já todos estamos fartos de ouvir dizer que temos mar, rio e serra, isso já temos desde o tempo do Viriato! Nós hoje temos é que potenciar estes vetores a nosso favor. Como? Através de um turismo gastronómico, um turismo de eventos, um turismo associado aos desportos, enfim tipos de turismo que combatem a tal sazonalidade de que lhe falava há pouco. Nós temos que virar determinado tipo de fatores tidos por negativos, em fatores positivos. Quer exemplos? Olhe o vento em Moledo, por exemplo, deve ser valorizado porque há centenas de praticantes de modalidades desportivas que dependem dele, portugueses e estrangeiros. Eles vêm à procura do vento e nós temos que potenciar isso a nosso favor.

Os nossos trilhos de montanha são outro exemplo, há pessoas que pagam para isso, para vir fazer esses trilhos. É isto que é combater a sazonalidade, em conjunto com um projeto sustentado com os comerciantes, com a oferta hoteleira.

JC - E como é que vai implementar todos esses projetos, uma altura em que as autarquias se debatem com poucos recursos financeiros?

MA - Há projetos destes que não ne-

cessitam de investimentos financeiros de especial envergadura. Nós temos neste momento ao nível do turismo gastronómico, capacidade para potenciar aquilo que temos de bom, mas não o temos feito. Por vezes gastamos dinheiro a potenciar determinadas coisas que não fazem sentido nenhum porque não nos diferenciam de nenhum concelho à nossa volta. Na divulgação, por exemplo, nós gastamos mais dinheiro por ano do que a Câmara de Viana em divulgação a nível de cartazes e outdoors que depois acabam por ser mal colocados. Não nos interessa colocar tantos outdoors aqui no concelho, não é isso que os comerciantes querem. O que nós precisamos é de publicar em Espanha, no Porto, etc.. É preciso canalizar bem o dinheiro.

JC - Gerir melhor os recursos.

MA - Sim porque eles existem. Não é verdade que não haja dinheiro, há é menos dinheiro e por isso é preciso mais inteligência e mais competência para o gerir.

Promoção, combate à sazonalidade, aposta na nossa verdadeira identidade e naquilo que nos distingue dos outros, é fundamental. Ninguém vem a Caminha para usufruir de algo que muitos concelhos já dão, muitas vezes com mais qualidade. Nós podemos qualificar os nossos eventos transformando-os em motores de outras áreas da nossa comunidade. Posso dar um exemplo? Feira Medieval, um projeto interessante desta autarquia, não tenho qualquer problema em dizer isso. Mas será que nós não podemos qualificar o evento de outro modo? Falando com os comerciantes, percebendo se aquela duração e localização é a ideal?

JC - Mas a duração foi proposta pelos próprios comerciantes.

MA - Mas podemos conversar permanentemente com eles e perceber o que se pode melhorar. Podemos fazer um dialogo com as escolas para serem elas, durante o ano, a preparar a Feira Medieval com determinado tipo de atividades. Isto fazia com que os nossos miúdos ficassem a conhecer um pouco mais da nossa história.

É importante marcar a diferença e a Feira Medieval existe em Caminha, como existe noutros concelhos. É um evento para manter porque julgo que é uma boa iniciativa mas que pode ser melhor quando relacionado com específicos episódios da história do nosso concelho.

Temos que procurar essa diferença e a diferença é também trabalhar com Espanha, com a Galiza, com este estuário que mais nenhum concelho tem. Somos a primeira praia do país para quem vem de norte. Temos de facto capacidades e potencialidades que devem ser geridas mas, para isso, é preciso um rumo, uma liderança e saber o que queremos.

JC - Não acha que é impossível potenciar todos esses recursos de que falou sem primeiro resolver problemas tão importantes como por exemplo o assoreamento da barra ou do Portinho de Vila Praia de Âncora?

MA - Vamos por partes: em relação ao assoreamento e à ligação da pesca com o turismo, deixe-me referir a excelente qua-

lidade do nosso peixe e do nosso marisco. Estamos a falar de produtos que têm que ser valorizados pela diferença. É verdade que atualmente essa atividade económica está em perda em Caminha e em Vila Praia de Âncora e se assim continuar a pesca é uma atividade em vias de extinção. Isso seria gravíssimo para o nosso concelho não só porque acaba com uma tradição, mas também porque estamos a falar de uma atividade fundamental para muitas famílias do nosso concelho.

Vamos falar do assoreamento e comecemos por Vila Praia de Âncora. Julgo que é um problema que tem vindo a ser recorrente e hoje a questão é muito grave porque depois de tantos investimentos, de tanto dinheiro gasto, o problema não está resolvido. Existem dificuldades técnicas que têm que ser superadas e eu vou bater-me até ao último minuto como presidente de Câmara, para que se possa resolver tecnicamente aquele problema.

JC - É um compromisso que assume?

MA - É um compromisso absoluto. Temos que resolver aquela situação e eu vou bater-me em qualquer circunstância, irei onde for necessário com os pescadores e a Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora porque se não resolvermos, o portinho tem os anos contados. Existem várias opções e é obrigação da câmara encontrar, em conjunto com a população e com os pescadores, uma solução para propor ao Governo. A situação não se pode manter, e não podemos continuar com esta marca forte que é o nosso peixe, sem peixe.

Em Caminha a situação é mais complicada e até mais deprimente. Eu vou ser claro: nos últimos anos nada se fez pela atividade piscatória em Caminha. A marginal de Caminha necessita de uma requalificação que também preveja a melhoria das condições de trabalho dos nossos pescadores. O cais da rua é o mesmo que eu sempre conheci, não tem condições de aportar, precisa de ser um cais diferente, com melhores condições para as embarcações entrarem e saírem e para que os pescadores possam guardar os seus artefactos. Nós temos que criar essas condições para que outras se possam potenciar.

JC - Requalificar a marginal de Caminha é um dos seus projetos. Como é que o vai fazer? Onde vai buscar fundos para executar esta obra.

MA - Posso lhe falar dos fundos que vou buscar para fazer a obra mas também lhe quero falar dos fundos que nós perdemos. A verdade é que nós perdemos uma oportunidade ao nível do Programa Polis Litoral Norte que outros concelhos não perderam. É o caso de Esposende que teve capacidade para evoluir e fazer obras de grande qualidade e Viana do Castelo que julgo que todos conhecem o trabalho que lá foi feito. Caminha, com a mesma oportunidade, com a mesma capacidade financeira, zero foi feito. Não conheço exatamente as motivações, não sei se não se fez por falta de vontade, o que é grave, ou se foi por falta de capacidade. Qualquer uma das duas é má e demonstrativa do fracasso desta gestão autárquica nesta matéria.

Como é que eu vou fazer a requalificação da marginal? Com inteligência, com capacidade de mobilização do nosso próprio

concelho, com poucos fundos próprios, mas fundamentalmente com a inteligência de podermos aproveitar outras oportunidades de financiamento, nomeadamente ao nível do próximo Quadro Comunitário.

JC - Que tipo de requalificação gostava de ver feita na marginal de Caminha?

MA - Olhe uma marginal que sirva dois vetores essenciais: primeiro qualificação do espaço público porque isso não só atrai pessoas para viverem em Caminha, como atrai visitantes; segundo: uma marginal nova tem que ter em conta a componente piscatória, condições de embarque para os pescadores, condições para eles guardarem os seus apetrechos. Mas mais do que isso, uma marginal nova tem que dar aos pescadores condições para que eles possam vender o peixe. E eu devo dizer que para quem fala tanto na aposta na pesca e na agricultura, não falar na qualificação e categorização dos mercados é um erro porque isso é fundamental.

JC - É outro compromisso, requalificar o mercado de Caminha?

MA - Dentro do âmbito da requalificação da marginal sim, o mercado de Caminha tem que ser requalificado.

JC - Ao avançar com a requalificação onde é que vai por a feira? Já pensou nisso?

MA - Eu tenho algumas soluções em mente, algumas que podem ser mais arriscadas, outras menos, mas o que lhe posso dizer é que eu farei esse debate com a população a partir do momento em que tenha um projeto. Há momentos em que nós temos que ouvir as pessoas e esse será certamente um deles.

Julgo que conhecem os projetos de participação que eu tenho avançado nesta campanha eleitoral.

JC - O orçamento participativo?

MA - Por exemplo. Julgo que a questão do mercado é uma decisão que pode perfeitamente caber nas mãos das pessoas, através, naturalmente, de estudos técnicos e não uma decisão qualquer. Uma marginal que valorize a qualificação do espaço público, que dê melhores condições aos pescadores, que valorize o mercado e a feira que tem estado em perca relativamente a outras do distrito. Neste momento, e isso é um grande problema, os nossos ativos estão todos em perda e nós precisamos de os valorizar com a nossa população, através do debate.

JC - Na apresentação da sua candidatura sublinhou que um dos propósitos, caso venha a ser eleito líder da autarquia, é incrementar as transferências da Câmara para as Juntas. Com que dinheiro?

MA - Eu não gosto muito do trabalho centralizado, da vontade e da capacidade de um torre de marfim que está aqui no Terreiro em Caminha e ordena sem ouvir opiniões diferentes sobre as Juntas de Freguesia e sobre o território. Nós ganhamos mais na gestão do espaço público e na gestão de outros assuntos, se dermos mais competências às Juntas de Freguesia. E quando me pergunta onde é que vou buscar o dinheiro,

eu respondo que vou buscar a mim próprio. Se eu tenho dinheiro para intervir em determinado tipo de limpeza de caminhos, se sei que as juntas podem fazer um melhor trabalho, só tenho a ganhar em delegar esse trabalho nas Juntas. Eles é que estão no terreno, conhecem as pessoas, sabem onde devem intervir. Se eu der competências a essas juntas e capacidade financeira, todos teremos a ganhar com este tipo de gestão, uma gestão mais aberta e mais qualificada tendo em conta o seu material humano.

JC - Já percebemos que defende um diálogo consertado com as freguesias no sentido de saber as suas necessidades e assim potenciar o desenvolvimento do concelho. Nos últimos anos alguns autarcas queixam-se de cortes quando a Junta não é do mesmo partido que a Câmara. Vai alterar este tipo de postura?

MA - Eu já mudei esse comportamento. Esse tempo acabou, vai acabar a partir do dia 29 de Setembro. Nós hoje temos que saber trabalhar com as freguesias porque isso revela inteligência. Mobilização e capacidade de criarmos grupos para podermos ser melhores. Não faz sentido trabalharmos de modo diferente e é por isso que o diálogo é importante, não é um chavão. Diálogo é ouvir e mobilizar as Juntas de Freguesia e os trabalhadores da Câmara.

E vou-lhe dizer uma coisa: uma das maiores forças que esta câmara tem é a qualidade dos seus funcionários. Eu não gosto muito de ouvir dizer que há 12 anos, quando se chegou à Câmara Municipal, se encontrou uma massa de trabalhadores pouco qualificados, eu acho que isso não é justo nem é sério. O que nós temos é um determinado tipo de condições e de pessoas que nós hoje podemos potenciar a favor do município, mas temos que fazer com que haja alguma autonomia para que estas pessoas possam trabalhar. Eu não preciso que todos os trabalhadores da Câmara pensem exatamente como eu. O que eu preciso é que esses trabalhadores se envolvam, como se envolvem, criem energias e tenham a capacidade de ser livres no seu próprio pensamento, mas que também façam parte de uma estratégia desenhada em conjunto.

Sabe o que é que eu quero fazer? Eu quero criar um programa de simplificação administrativa na Câmara Municipal em que sejam também os funcionários a dar a sua própria opinião. Eu vou chamá-los para fazerem as suas propostas, porque são eles que estão no terreno, são eles que conhecem os procedimentos e como é que eles se resolvem. Quero que eles façam parte da gestão da Câmara Municipal de Caminha, isso é fundamental porque se nós tivermos a capacidade de ter os trabalhadores motivados, com vontade, com liberdade para no final do dia dizerem - hoje o Presidente agiu mal - esses homens e essas mulheres estão muito mais preparados para nos ajudarem a enfrentar o futuro. Portanto "diálogo" é aqui a palavra chave. A perseguição a quem pensa de modo diferente não faz sentido nenhum.

JC - E isso acontece?

MA - Quer um exemplo claro sobre esta matéria? Nós temos tido a incapacidade de dialogarmos com La Guardia. O alcaide, que faz o favor de ser meu amigo e tem uma

grande esperança nesta minha candidatura, dizia-me há dias que havia mais relações entre Caminha e La Guardia no tempo do contrabando do que as que existem hoje. O alcaide de La Guardia tem projetos que nós podemos ter em comum, nós podemos levar alguns projetos para lá e ele poderá trazer alguns para cá.

JC - Pode exemplificar?

MA - Nós podemos ter a capacidade de replicar alguns dos nossos projetos, aqueles que falam da nossa identidade em La Guardia. Olhe por exemplo o Caminhadoce, um bom projeto de evento, porque é que não podemos levar a nossa doçaria para o lado de lá? Ela até é melhor do que a espanhola. Nós temos tudo a ganhar com essa capacidade e com esse diálogo.

JC - E as contas com La Guardia relativas ao Ferry será que não podem prejudicar a relação entre as duas autarquias?

MA - Nós não podemos resolver duas coisas ao mesmo tempo. Neste momento eu percebo a dificuldade de La Guardia em resolver uma situação que se arrasta há anos. Imagino que neste momento não tenham capacidade financeira para resolver o problema de uma só vez mas isso só se resolve dialogando e procurando planos de pagamento que sejam acessíveis. Eu sei que La Guardia quer resolver o problema, não tem capacidade para o fazer. Mas esta situação também não se resolve rompendo relações nem colocando ações judiciais.

JC - Mas também não é justo que seja apenas Caminha a pagar a fatura desse transporte.

MA - Olhe esse é o mesmo raciocínio que os alemães fazem relativamente a Portugal em termos de resgate - não é justo que nós, os contribuintes alemães, estejamos sempre a dar dinheiros àqueles malandros do sul da Europa - não é bem assim. Temos é que encontrar um plano e uma forma de atuar que nos permita a nós, e já agora também aos alemães, ou seja, como no caso de Caminha e La Guardia, resolver o problema. Eu tenho algumas ideias sobre esta matéria: porque é que não potenciamos o ferry para fazer determinado tipo de eventos que apostem no próprio usufruto do rio Minho, na gastronomia. Isso podia ser feito em determinado tipo de travessias, no fundo a ideia seria potenciar o ferry turisticamente. O que nós não podemos e lançar projetos como por exemplo o Rio Minho Navegável, um projeto conjunto entre as suas regiões, e logo a seguir avançar com uma ação judicial contra La Guardia.

Quer outro exemplo? a Travessa do Teatro em Vila Praia de Âncora, uma situação que exige diálogo com a REFER, entidade com quem a Câmara pura e simplesmente cortou relações. Isto não é possível.

JC - Reuniu recentemente com a administração da REFER por causa dessa passagem e afirmou, após essa reunião, que tinha obtido um compromisso eventual por parte da REFER para resolver o problema. O que é um compromisso eventual?

MA - O meu percurso político e profis-

sional permite-me chegar com alguma facilidade a alguns centros de decisão, julgo que isso é um fator que me distingue de outras candidaturas e que posso colocar a favor do concelho de Caminha. Neste caso concreto tive de facto a possibilidade de reunir com o presidente do Conselho de Administração da REFER. Ele recebeu-me e disse-me que a REFER entende, e enquanto ele lá estiver vai ser assim, que não deve existir ali, naquele local, uma passagem nivelada, ou seja, a passagem que ali existia não mais existirá. Mas também me disse que está disposto a encontrar uma solução para aquela passagem diferente daquela. Pode ser por baixo, por cima, naquele exato local ou outro, e que está disposto até a co-financiar um projeto desta envergadura. Como é óbvio perguntei-lhe porque e que não transmitiu esta posição ao atual executivo. Ele disse-me que o tinha feito e que a resposta da Câmara tinha sido cortar relações com a REFER.

JC - Mas a Câmara de Caminha chegou a apresentar dois projetos alternativos.

MA - Sim mas quer um quer outro, eram projetos nivelados e isso, como lhe disse, a REFER não aceita. No entanto mostrou abertura para outros. Também é preciso lembrar que o atual executivo, em tempos, defendeu o encerramento de todas as passagens, inclusivé da passagem da Travessa do Teatro em Vila Praia de Âncora. Hoje tem outra posição, e bem, porque de facto o encerramento daquela travessia prejudica não só o comércio como a mobilidade das pessoas.

Vou bater-me por uma solução nivelada para aquele local e isso ficou bem claro na conversa que tive com o Administrador da REFER. Só depois de esgotadas todas as hipóteses é que avançarei para outras soluções.

JC - Durante a apresentação da sua candidatura apontou como meta a vitória em todas as freguesias do concelho. Parece-lhe uma meta realista ou é apenas mais uma daquelas frases fortes que os marketeers políticos tanto gostam, mas na prática claramente irrealista?

MA - A mim não só me parece uma meta realista, uma vontade muito assente na realidade, como eu cada vez mais me convenço que isso pode acontecer, o que seria uma vitória em toda a linha. Eu vou-lhe dizer uma coisa: os meus candidatos a presidentes de junta são bons e têm boas equipas, têm capacidade de ligação com as suas freguesias, têm capacidade técnica e estão hoje preparados para as exigências de uma freguesia.

Aquilo que eu tenho sentido é uma grande mobilização em torno das candidaturas das Juntas de Freguesia e por isso é que nós, ao longo destes dias, temos colocado cerca de 60 ou 70 ideias por todo o concelho. Ideias e projetos para cada uma das freguesias, e até em freguesias difíceis, confesso.

JC - Que freguesias são essas?

MA - Não é difícil perceber que foi complicado conseguir uma dinâmica na freguesia de Dem onde, há 4 anos o PS nem sequer conseguiu organizar uma candidatura. Aquilo que me alguns me disseram quando eu lá cheguei foi "aqui tu

não tocas porque isto é nosso". Nosso? Uma coutada de alguns? Isso é o pior que me podem dizer porque me mobiliza logo para encontrar uma alternativa. Aquilo que fiz em Dem é um símbolo daquilo que eu quero fazer por todo o concelho, eu não deixo ninguém nem nenhuma freguesia para trás. Dem tem um potencial extraordinário que deve ser aproveitado porque é a base de acesso à Serra d'Arga. As listas são compostas por gente empenhada que se envolve, pela primeira vez, numa candidatura a uma autarquia.

JC - Em Riba de Âncora, por exemplo, apoia uma candidatura mista, com pessoas de outros partidos, liderada por um elemento do PSD. No final para quem vai a vitória, para o PS ou para o PSD?

MA - Ganhamos nós, certamente, porque apoiamos essa lista, o PSD fará a leitura que entender. Nessas questões eu não me meto. Mas repare Riba de Âncora tem tudo a ver com a minha forma de trabalhar. É verdade que eu percebi desde logo uma fragilidade que foi a incapacidade do PSD e do candidato Flamiano Martins em formar uma lista para Riba de Âncora. Eu tinha pessoas mobilizadas para que as coisas pudessem correr bem, mas o que aconteceu foi que as pessoas do PS de Riba de Âncora mostraram uma grande motivação para criarem uma lista que fosse uma alternativa à lista anterior do PSD, onde não consta ninguém do anterior executivo. Eu entendi que esta lista era uma mais valia para Riba de Âncora e decidi apoiar, porque não? Devo dizer que o trabalho tem decorrido com normalidade.

JC - Estamos perante um exemplo

de cooperação...

MA - Exatamente.

JC - O Miguel tem um jornal de campanha e na primeira edição anunciava que a sua candidatura iria cortar 30 por cento as despesas de campanha. Quanto custa e quem vai pagar a sua campanha?

MA - Eu julgo que as pessoas todas sabem que existe uma subvenção estatal que é dada a cada um dos partidos tendo em conta os votos das últimas eleições autárquicas. Estamos a falar de um patamar abaixo dos 50 mil euros e é esse o nosso orçamento. Através deste orçamento estamos a conseguir equilibrar as contas, temos tido algum cuidado no merchandising e na evolução da própria campanha. Fizemos menos outdoors do que aquilo que seria comum, alguns até foram vandalizados o que nos trouxe alguns problemas acrescidos, mas é uma campanha centrada naquilo que são os apoios do estado.

Queremos que seja uma campanha que mobilize as pessoas. Optamos pelo jornal de campanha porque é mais barato e porque sabemos que temos pessoas disponíveis para o distribuírem porta a porta, pessoa a pessoa.

JC - A atual presidente da Câmara afirmou, em entrevista ao Jornal Caminhense, que os socialistas, no tempo em que estiveram à frente da autarquia se limitaram a navegar à vista, sem um plano de desenvolvimento. Que nem sequer havia na Câmara técnicos preparados para apresentar candidaturas a fundos comunitários. Como comenta

esta crítica à gestão socialista? Se for eleito vai ou não ter o trabalho facilitado pelo trabalho deixado pela equipa de Júlia Paula?

MA - Olhe o que eu lhe posso dizer sobre isso é que eu não tenho a certeza absoluta daquilo que vou encontrar na Câmara Municipal. Primeiro porque há de facto uma incapacidade para colocar a informação de forma transparente cá fora, o que me suscita algum incómodo.

Um bom exemplo do que é dar contas é aquele que foi seguido pelo social democrata Rui Rio em que ele apresentou à população uma brochura explicando timentim por timentim, a evolução das contas, o que foram as receitas e as despesas ao longo dos últimos anos. Julgo que é um bom exemplo que podia ser seguido aqui em Caminha.

Respondendo à sua questão, eu não sei se houve navegação à vista nos anos anteriores mas uma coisa é certa, houve um salto grande em termos de evolução no nosso concelho. Com erros? Naturalmente. Mas foi com o PS que se colocaram as infraestruturas do saneamento básico que não existiam na altura, as redes viárias, a qualificação do espaço público, as escolas...

JC - Mas este executivo também fez obras nesse sentido.

MA - Sem dúvida nenhuma, mas a verdade é que se houve navegação à vista, ela foi cuidada tendo em conta as circunstâncias daquele tempo.

JC - A população do Vale do Âncora queixa-se dos executivos socialistas terem investido muito mais no Vale do Coura.

MA - Eu não tenho qualquer problema em admitir que possa ter existido alguma gestão menos cuidada nessa matéria, agora dizer que antes era o caos e que agora tudo foi feito, é de uma injustiça atroz e julgo até que as pessoas não compreendem.

JC - Que avaliação faz destes doze anos de executivo social democrata?

MA - Olhe se uns navegaram à vista durante muitos anos, outros naufragaram nos últimos doze. Eu acho que há coisas que foram muito bem feitas neste executivo. Julgo que a entrada da presidente de câmara, pela força das circunstâncias, trouxe algum rejuvenescimento. Repare as coisas na altura estavam tão chocas, tão gastas que, o aparecimento de uma novidade perante alguma paralisia e dificuldade de trazer coisas novas existiu. Entretanto chegou uma mulher, que até nem era de cá, com juventude - curiosamente com a mesma idade que tenho agora - e isso fez a diferença.

Eu faço uma análise portanto de valorização de algum trabalho que foi feito, nomeadamente no Vale do Âncora e noutras situações, até de promoção da marca Caminha, mas a avaliação final é negativa.

JC - Porquê?

MA - Por vários factores. Primeiro porque não houve estratégia, não houve

rumo, não houve um caminho escolhido, uma ideia a seguir. E isso condicionou todo o tipo de trabalho. Nós temos um PDM em revisão há mais de 10 anos, nós não sabemos exactamente para onde queremos que Caminha vá e continue e depois há uma série de decisões que não foram tomadas. Nós não conseguimos, nos últimos sete anos, manter ou criar a dinâmica do Festival de Vilar de Mouros, isso não aconteceu, foi liquidado.

JC - O que é que lhe parece este novo protocolo estabelecido com a AMA?

MA - O regresso do Festival é sempre uma boa notícia para as pessoas de Vilar de Mouros e do concelho em geral. É uma marca que valoriza Caminha e que devia ser potenciada de outra maneira. Eu não concordo com os moldes do protocolo, e muito menos concordo com o timing. É eleitoralista e, sejamos claros, foi uma resposta à nossa proposta. Eu acho que se pode trabalhar de outra forma, envolvendo a população. Podemos fazer um Festival de Vilar de Mouros mais dinâmico, mais aberto durante todo o ano. Julgo que temos condições para isso.

Voltando à avaliação, perdeu-se como já disse o Festival de Vilar de Mouros, a requalificação da marginal de Caminha, a Bandeira Azul em Vila Praia de Âncora e muitas outras. Mas há uma questão ainda muito maior que é a do ar que se respira aqui no concelho de Caminha. Eu acho que houve um exercício musculado, centralizador, muito desgastante que colocou junto de cada uma das pessoas a incapacidade para darem o seu próprio contributo porque se sentiam tolhidas. Atualmente o ambiente no concelho de Caminha é um ambiente muito cinzento. O comércio tem algumas dificuldades, as pessoas querem-se mobilizar e têm dificuldades, uma situação que tem sido aceite de certa forma pelos candidatos da continuidade.

Precisamos de respirar um ar diferente, precisamos de liderança e de uma forma diferente de fazer as coisas.

Há outra questão que eu também gostava de falar nesta entrevista e que se prende com a área social. Não há desenvolvimento económico sem atenção à sociedade. Uma estrutura demográfica envelhecida como a nossa, uma estrutura de gente que tem emigrado...

JC - Perdemos 430 habitantes nos últimos dez anos

MA - Exatamente. Eu não quero deixar ninguém para trás. Queremos mobilizar e coordenar as instituições de forma a que as respostas sejam mais eficazes.

Nesta matéria temos quatro propostas muito concretas e muito claras: criação de uma rede de cuidadores nocturnos ao domicílio com apoio das instituições; uma unidade móvel de apoio domiciliário e intervenção precoce, uma equipa que faça diagnóstico e encontre respostas. Eu gostava de ter um projecto de isolamento zero no nosso concelho; um programa alimentar diferente com acesso a frescos e finalmente um sistema de segurança à distância. Projectos claros que teremos oportunidade de explicar melhor com mais tempo.



CONCELHO: SERRA D'ARGA



SERRA D'ARGA CONTEMPLADA PELO PROJETO DA QUERCUS QUE VISA A CONSERVAÇÃO E O RESTAURO DE HABITATS PRIORITÁRIOS

A Serra d'Arga foi contemplada pelo projeto da Quercus "HIGRO - Ações demonstrativas para a conservação de habitats prioritários de montanha no Norte de Portugal", cuja ação de apresentação dos resultados decorreu no passado dia 31 de Agosto, em Arga de Cima. Este projeto é co-financiado a 75% pelo programa Life+ da União Europeia e está a ser desenvolvido também na Serra de Montemuro e Alvão-Marão, igualmente sítios da rede Natura 2000.

O projeto HIGRO tem a duração de 40 meses, sendo que começou em setembro de 2010 e termina em dezembro deste ano. A intervenção incide essencialmente sobre baldios comunitários distribuídos pelos municípios de Caminha, Viana do Castelo, Vila Pouca de Aguiar, Mondim de Basto, Castro Daire e Resende, numa área total de cerca de 160 hectares.

O principal objetivo do projeto é promover a conservação e o restauro dos habitats prioritários urzais-tojais higrófilos e cervunais.

Sendo a Serra d'Arga, mais propriamente a sua região biogeográfica Atlântica, uma das zonas de implementação do projeto, foi desenvolvida uma ação de apresentação dos resultados em Arga de Cima, uma vez que o Conselho Diretivo de Baldios e a respetiva Junta de Freguesia aderiram ao projeto.

Assim, realizou-se um percor-

so pedestre de 1,5 Km na área abrangida pelo HIGRO para observação dos habitats prioritários a conservar e restaurar. Foram ainda apresentados os trabalhos desenvolvidos e alguns aspetos interessantes da dinâmica dos habitats naturais e dos ciclos biológicos de invertebrados ameaçados, como a borboleta-azul-das-turfeiras (*Phengaris alcon*). Tanto que, durante o percurso foram mesmo identificados ovos desta borboleta de espécie rara e ameaçada de extinção, na geneciana-das-turfeiras que é a flor escolhida para a postura dos ovos.

No final do percurso decorreu uma breve apresentação do HIGRO na sede da Junta de Freguesia de Arga de Cima e a inauguração da exposição interpretativa sobre os habitats e espécies a conservar. A exposição estará patente no Centro de Interpretação da Serra d'Arga (CISA), a partir do dia 3 até 26 de setembro.

Este é um projeto da Quercus, em que a Câmara Municipal de Caminha integra a Comissão de Acompanhamento e apoia por considerar fundamental a preservação da biodiversidade na Serra d'Arga, para o equilíbrio daquela área classificada como Sítio de Interesse Comunitário - Rede Natura 2000.

É de salientar que no âmbito das ações de gestão dos habitats estão previstas medidas como o controlo mecânico da vegetação arbustiva e herbácea, o restauro da hidrologia natural, a instalação de vedações e a promoção do pastoreio de percurso através da celebração de contratos com diversos produtores de gado locais, uma vez que a gestão deste tipo de habitats está diretamente ligado à atividade tradicional de pastorícia em regime extensivo, algo que se encontra em franca regressão nas áreas montanhosas abrangidas pelo projeto.



Executivo aprovou voto de louvor aos combatentes do fogo

O o executivo caminhense apresentou e aprovou, na última reunião de Câmara, uma declaração de louvor a todos os bombeiros, coletividades e combatentes anónimos que ajudaram a controlar o fogo que deflagrou no concelho de Caminha nos dias 2 e 3 de Setembro. Júlia Paula Costa realçou igualmente o trabalho do Gabinete Técnico Florestal do município, que ao longo do ano desenvolveu trabalhos de prevenção. "Sem uma política de prevenção, tinha sido uma noite muito mais complicada", referiu a presidente de Câmara.

Agora que a chuva ajudou a dar o incêndio como totalmente extinto, é o momento de fazer balanços e os devidos agradecimentos.

Município está grato aos bombeiros e a todos os que ajudaram a combater as chamas

O fogo começou na freguesia de Cristelo, alastrando depois a mais seis freguesias do concelho. "Foi encorajador perceber a coragem e a dedicação das corporações de bombeiros e dos restantes meios de proteção civil presentes, incluindo, claro, os meios aéreos, os sapadores florestais de Riba de Âncora e a Equipa de Prevenção Florestal do Município. Além disso, gerou-se uma forte onda de solidariedade para com os bombeiros, que se traduziu quer em donativos, quer em entregas de comida e bebida, quer na cedência de cisternas e tratores para auxílio no combate às chamas. Foram ainda muitos os que se juntaram aos bombeiros no combate direto ao incêndio".

Apesar da área ardida, felizmente, não houve vítimas a lamentar, nem perda de habitações ou de património a registar.

"Nunca é de mais, por isso, agradecer o envolvimento e o esforço de todos: bombeiros do concelho de Caminha, do distrito e de outras zonas do país que se deslocaram para nos ajudar, bem como das instituições e pessoas anónimas que passaram a noite a colaborar no combate aos incêndios".

Polícia Judiciária está a investigar a origem dos incêndios

"Por muita prevenção que se faça, é impossível lutar contra quatro frentes de fogo, que quando nós estamos na iminência de dominar, inicia um novo fogo em outro lugar. Isto é mão criminosa", afirmou Júlia Paula, sublinhando ainda o facto de o incêndio ter começado perto da uma da manhã, ou seja, durante a noite.

É de ressaltar ainda que ao mesmo tempo que os bombeiros combatiam o fogo em Santo Antão, iniciava-se outro na Serra d'Arga, junto a Arga de São João.

A origem dos incêndios está a ser investigada pela Polícia Judiciária.

A prevenção foi fundamental para travar as chamas

Segundo a autarquia, o Gabinete Técnico Florestal tem levado a efeito "um trabalho significativo e crescente" na área da prevenção. Manter a floresta transitável e com bons acessos que facilitem a chegada rápida dos combatentes, limpar as faixas de gestão de combustível ao longo da rede viária e próximas das habitações, são algumas das tarefas executadas. Além disso, este ano, pela primeira vez, foi constituída uma Equipa Municipal de Proteção Florestal, constituída por desempregados beneficiários de subsídio de desemprego ou do rendimento social de inserção.

O município, em cooperação com os GIPS, Sapadores Florestais e com os Bombeiros, tem procedido a ações de fogo controlado, numa área que atingiu os 34 hectares no corrente ano. O objetivo destas ações é criar descontinuidades na floresta que representem oportunidades de combate a fogos florestais.

Foram ainda executados trabalhos de beneficiação da rede viária e divisional florestal. Ou seja, foram construídos ou melhorados cerca de 70 km de estradões que facilitam o acesso em caso de incêndio.

Este trabalho facilitou o trabalho de quem combatia o incêndio. A capela de São Pedro de Varais chegou, por exemplo, a estar em risco de ser consumida pelas chamas. A atuação dos Bombeiros Voluntários de Vila Praia de Âncora, com o apoio da população de Vile e as cisternas e carros de combate da Sereia da Gelfa, foram fundamentais para salvar a Capela. O caminho florestal e o reservatório de água situado por cima da Capela garantiram as condições necessárias para o combate às chamas e para evitar que a Capela de São Pedro de Varais fosse destruída.

INFORMAÇÃO MUNICIPAL

Passagem da via férrea, denominada Travessa do Teatro faz a ligação ao Parque Dr. Ramos Pereira

TRAVESSA DO TEATRO: REFER REITERA DISPONIBILIDADE PARA VIABILIZAR SOLUÇÃO DE ATRAVESSAMENTO DESNIVELADO



A Presidente da Câmara Municipal de Caminha, Júlia Paula Costa, e o deputado da Assembleia Municipal, Rui Taxa, reuniram hoje, dia 17, com o Presidente do Conselho de Administração da Refer, para esclarecer informações veiculadas pela comunicação social que davam conta de um mal-estar entre o Município e esta entidade, devido à situação da Travessa do Teatro.

Esta reunião decorreu depois de terem sido publicadas algumas notícias, no início deste mês, que davam conta de que o Município de Caminha teria cortado relações com a Refer, devido à situação da

Travessa do Teatro na zona do Parque Dr. Ramos Pereira, em Vila Praia de Âncora. Tais notícias referiam também que tinha havido uma reunião na Refer com o candidato do Partido Socialista à Câmara Municipal de Caminha e que daí saía um possível acordo entre as duas partes.

Na sequência da reunião de hoje, a Refer esclareceu não ter havido qualquer corte de relações com o Município de Caminha e que o que transmitiram ao candidato, no decorrer da audiência solicitada por este, foi a disponibilidade da empresa para "viabilizar uma solução de atravessamento desnivelado que venha a ser proposto pelo Município,

posição idêntica aquela que a empresa já tinha assumido com o executivo da Câmara Municipal de Caminha".

Município e Refer mantém negociações para encontrar solução para a Travessa do Teatro

O encerramento da passagem remonta a 1985, quando foi assinado um protocolo entre a Câmara e a Refer. No ponto 6 do referido protocolo, assinado, na altura, pelo então vice-presidente da Câmara Municipal de Caminha, previa-se que a Câmara autorizasse o encerramento total da passagem de nível ao quilómetro 96,357, ou seja, a conhecida Travessa do Teatro.

Mas a Refer nunca concretizou o encerramento da dita passagem.

Quando recentemente, em 2009, a Refer encerrou mesmo a passagem, gerou-se um descontentamento entre a população e os comerciantes, mas também entre os autarcas locais. Aliás, a Câmara Municipal tinha terminado a requalificação da Praça da República, do Parque Dr. Ramos Pereira e das artérias envolventes.

Já este ano, a 23 de janeiro, a Câmara Municipal de Caminha reuniu com a atual Administração da Refer, para voltar a transmitir a preocupação da autarquia, da Junta de Freguesia de Vila Praia de Âncora e

da população relativamente à passagem da Travessa do Teatro e a importância desta ligação para as pessoas que utilizam os parques de estacionamento e o renovado Parque Dr. Ramos Pereira.

Pela Refer tem sido lembrado o constrangimento legal imposto pelo Decreto-Lei nº568/99 de 23 de dezembro (artigo 1º) que não permite a reabertura de passagens de nível, inviabilizando por isso qualquer proposta que insistisse na reabertura daquela antiga travessa. No entanto, o artigo 2º da referida Lei contempla a possibilidade de ligação das plataformas, designadas de transbordo, para acesso de passageiros.

Neste sentido, o Município apresentou duas propostas à Refer que assumiram o carácter de transbordo entre ambos os lados das linhas para garantir o cumprimento da Lei e que permitiam o acesso direto ao Parque Dr. Ramos Pereira e à Travessa do Teatro.

Para isso, o Município entregou dois estudos/propostas e comprometeu-se a assumir 100% das despesas com os encargos da construção de qualquer uma das propostas. As soluções apresentadas são semelhantes às que acontecem noutras localidades, tais como Moledo e Caminha. No entanto, estas soluções foram inviabilizadas pela Refer, que se mostrou, contudo disponível para ajudar o Município a resolver esta questão, através de uma proposta de atravessamento desnivelado.

As negociações prosseguirão e tudo se encaminha para que seja alcançada uma solução que vá de encontro às vontades das partes e aos anseios da população de Vila Praia de Âncora.

PUBLICIDADE

LabMED SAÚDE
CLÍNICAS MÉDICAS E DENTÁRIAS

LABORATÓRIO DE ATENDIMENTO PERMANENTE
220 966 999
www.labmedsaude.pt

análises clínicas
medicina dentária
cardiologia
podologia

medicina do trabalho
ssht
formação
estética

A sua saúde. A nossa paixão.

Lg. Dr. Sidónio Pais, nº 37 - R/C
4910-120 Caminha
T. 258 728 253

R. S. João de Deus, nº 179
4900-450 Viana do Castelo
T. 258 807 150

R. da Picota, nº 93 - 1º
4900-539 Viana do Castelo
T. 258 822 319

Instituto de Línguas Eiras

Cursos de línguas: diurnos e nocturnos, em grupos e individuais, para adultos e estudantes, em: Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano, Russo, Português (para estrangeiros)

TRADUÇÕES: de toda a espécie, por tradutores ajuramentados!

Informe-se:
INSTITUTO DE LÍNGUAS EIRAS, LDA
Rua de Santo António, 120-2º
4900-492 Viana do Castelo
Tel. 258 826636 - Fax: 258 823093
e-mail: geral@linguaseiras.pt
www.linguaseiras.pt

posto náutico | restaurante | bar

INSUA
caminha

...um olhar no rio minho...

parceiros:

www.aldeamentocamarido.com - casas férias e fins de semana
living with nature.pt - atividades turísticas - aluguer de bicicletas
posto náutico Insua - passagens para o forte da insua

TEL: 258722177 | 965836998

Confort **electrotec**
electrodomestic.com

Rua 31 de Janeiro, 38 - Vila Praia de Ancora

INSTALAÇÃO TDT
INSTALAÇÃO SATÉLITE
REPARAÇÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS
INSTALAÇÕES E REPARAÇÕES ELÉCTRICAS

SOS CASA
Tif: 258 098 352

RUI RAMALHOSA

Economia - Gestão
Contabilidade
Fiscalidade

Técnico Oficial de Contas

Avª Manuel Xavier, 88 - C.C. Estação Lj BC
4910-105 Caminha

Tlm 968 022 369
Email: rjgramalhosa@hotmail.com

CONCELHO: CAMINHA



CÂMARA VAI FAZER OBRAS NO BAIRRO SOCIAL EM CAMINHA

O executivo caminhense aprovou, na última reunião, uma intervenção a levar a cabo pela Câmara no Bairro Social em Caminha.

Na proposta submetida à apreciação dos vereadores na última reunião do executivo, a Câmara explica que a intervenção resulta de uma petição dos moradores daquele bairro "para realização de obras nos edifícios, garantindo assim a melhoria das condições de salubridade e segurança".

Problemas relacionados com infiltrações de água e degradação de alguns espaços comuns, são alguns dos problemas apontados e que segundo a Câmara justificam uma intervenção urgente.

Construído há 30 anos para albergar famílias carenciadas, a maioria não possui recursos financeiros suficientes para fazer face às despesas necessárias para realizarem as obras indispensáveis de forma a dotar as habitações das condições mínimas de salubridade habitacional.

Atendendo a esta realidade, o executivo aprovou uma proposta que vai permitir gastar no máximo 20 mil euros nesta empreitada. A intervenção contempla uma pintura no edifício.

Intervenção de fachada

Apesar de considerar a obra necessária, o vereador do PS, Jorge Miranda, não deixou de condenar o timing em que ela surge. O vereador socialista considerou o processo "apressado" e a intervenção a levar a cabo, "uma intervenção de fachada".

"Acho que as pessoas mereciam um pouco mais de respeito e não se devia enquadrar esta obra nesta altura", sublinha

O vereador socialista defendeu para o local "uma intervenção pensada e conversada" com as entidades responsáveis e que a mesma deveria ser feita após as eleições. "Condeno, em termos particulares, o timing".

Apesar de não aceitar o timing, o socialista considerou que qualquer intervenção que ali se faça "é bem recebida".

"Estamos a falar de uma zona nobre de Caminha, mesmo à entrada da vila", concluiu.

Em resposta ao vereador do PS, Paulo Pereira, responsável pelo pelouro da ação social, lembrou que a intervenção a realizar resultava de um abaixo assinado entregue na Câmara pelos moradores entre Abril e Maio.

"Quando o pedido chegou à Câmara começamos logo a fazer alguns contactos com as entidades responsáveis, nomeadamente o IHRU, para avaliar a possibilidade de serem eles a fazer a intervenção. Houve depois uma comunicação por parte desta entidade a dizer que neste momento era totalmente impossível uma vez que não dispunham de recursos financeiros para isso".

Assim sendo, o vereador justificou o timing com a aproximação do inverno.

Também Júlia Paula Costa, presidente da Câmara de Caminha, fez questão de tecer algumas considerações acerca do assunto. A autarca lembrou que a inter-

venção surgia após um pedido dos moradores. "O que se pede é uma intervenção de pintura e não foi a Câmara que propôs nenhum tipo de intervenção. Trata-se de um processo que se tem vindo a desenvolver e que ao longo do tempo as pessoas nos têm feito chegar. São pessoas com carências económicas que estão constantemente a pedir apoio, um apoio que nós nem divulgamos".

Júlia Paula Costa lembrou que a Câmara tem procedido a diversas intervenções, "muitas delas com os nossos funcionários, e portanto não é verdade que não tenhamos feito nada".

A chefe do executivo caminhense acrescentou que por força dos sucessivos adiamentos, existem habitações "com enormes problemas de infiltrações de água que estão a criar problemas gravíssimos dentro das casas das pessoas, algumas delas com problemas graves de saúde".

Numa tónica mais política, a presidente da Câmara lembrou que está a cumprir um mandato até pelo menos 29 de Setembro. "Que eu saiba o mandato desta equipa é para quatro anos e por muito que queiram falar nas obras eleitoralistas, elas são feitas dentro dos timings em que são pedidas ou em que existem recursos financeiros ou técnicos para as fazer".

Júlia Paula Costa terminou referindo que esta intervenção "não é um processo isolado", e outras vão surgir "no âmbito da Caminha Amiga e do Caminha Habita".

CONCELHO: CAMINHA



HOSPITAL PSIQUIÁTRICO DA GELFA ABRE PORTAS COMO UNIDADE DE CUIDADOS CONTINUADOS

Decorreu no passado dia 10, a cerimónia de inauguração da Unidade de Cuidados Continuados de Longa Duração e Manutenção da Gelfa. O espaço, que já acolheu o Sanatório Marítimo da Gelfa e o Hospital Psiquiátrico da Gelfa reabre, agora, como Unidade de Cuidados Continuados, tutelada pelo Instituto São João de Deus. A reabertura levou à criação de mais de 40 postos de trabalho.

A Unidade de Cuidados Continuados de Longa Duração e Manutenção da Gelfa pretende dar resposta a pessoas com doenças ou processos crónicos, com diferentes níveis de dependência e que por isso necessitem de cuidados clínicos, de manutenção e de apoio psicossocial.

Assim, o objetivo é contribuir para o bem-estar e qualidade de vida dos doentes, prevenindo e retar-

dando a situação de dependência. Para isso, muito contribui também a localização do edifício junto ao mar, beneficiando do ar marítimo, água e sol. Atributos enunciados pelo Irmão Adelino Manteigas, 1º Conselheiro do Instituto São João de Deus (ISJD), IPSS pertencente à Ordem Hospitaleira de São João de Deus e que agora tutela a Unidade de Cuidados Continuados.

Na sua intervenção, o Irmão explicou o processo até a Unidade integrar o ISJD, que presta cuidados no âmbito da saúde mental, cirurgia e medicina física e de reabilitação, geriatria, cuidados continuados e paliativos.

Também, Júlia Paula Costa usou da palavra para enaltecer o investimento naquela Unidade. A Presidente da Câmara Municipal de Caminha afirmou sentir "um grande orgulho pelos postos de

trabalho criados", sobretudo por se tratarem de pessoas do concelho. Não deixou de realçar ainda o papel da Ancorensis Cooperativa de Ensino na formação específica dos auxiliares de ação médica e salientou a valorização patrimonial que esta obra significa e que complementa todo o investimento feito pelo município na requalificação da Praia de Gelfa.

O Ministro da Saúde, Paulo Macedo, que também esteve presente na cerimónia de inauguração realçou a disponibilização de mais 40 camas de cuidados continuados de longa duração, no Alto Minho. Assim, a região norte conta agora com mais de 2 mil camas integradas na Rede de Cuidados Continuados. O Ministro da Saúde salientou ainda o investimento de 3 milhões de euros na unidade e não deixou de referir a aposta na prestação de cuidados continuados a nível domiciliário, agora possível.

"São 100 anos de existência. Estas paredes já prestaram vários serviços de saúde", rematou. De fato, o espaço acolheu nos anos 30 do século XX o Sanatório Marítimo da Gelfa. Com o encerramento dos sanatórios, em 1965, surge naquele local o Hospital Psiquiátrico da Gelfa, para prestar assistência a mulheres com patologias mentais. Este encerra em 1999 e reabre agora integrado na Rede de Cuidados Continuados, para dar resposta aos concelhos de Caminha, Viana do Castelo e Vila Nova de Cerveira.



IN.CUBO LANÇA CONCURSO DE IDEIAS E+PROMAR



A In.Cubo em articulação com o GAC do Alto Minho lançou o concurso de ideias "E+PROMAR", no âmbito do Projeto "Aldeias do Mar". Este concurso tem como objetivo incentivar a geração de novas ideias de negócio bem como na criação e fomento de competências empreendedoras, que facilitem o processo de criação de novas empresas no território do GAC Alto Minho, incorporando maior inovação, explorando novos mercados e/ou novas combinações de recursos.

O projeto integra como parceiros a CIM Alto-Minho, os municípios de Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova de Cerveira e Esposende.

Poderão candidatar-se ao concurso de ideias pessoas singulares, individualmente ou em grupo, bem como pessoas coletivas com o objetivo de explorar uma ideia e/ou dinamizar um projeto nos concelhos que integram o GAC Alto Minho.

As inscrições encontram-se abertas até dia 30 de Setembro 2013, a quais poderão ser feitas na sede da In.Cubo, por correio registado ou por email (geral@epromar.pt).

Para além do concurso de ideias serão desenvolvidas outras ações de capacitação para o empreendedorismo e o apoio à pré-incubação dos negócios que concorrerem.

Para mais informações sobre o concurso de ideias consultar o site www.epromar.pt



PUBLICIDADE

**VALADARES
TEATRO
MUNICIPAL**

PROGRAMAÇÃO

PARA MAIS INFORMAÇÕES: WWW.O2CAMINHA.PT

SETEMBRO

21 - 21:00 "Concerto 4 Estações"
BANTIK DE LANHELAS

28 - 21:00 Tiago Bettencourt
CONCERTO

OUTUBRO

05 - 21:00 "Canções de Lemézia"
Marta Pacheco - Soprano
Diogo Amorim - Piano
Pavão Lanheles - Encenação e Coreografia

12 - 21:00 PROJETO EM CENA
Academia do Música Fernandes Fão

19 - 21:00 "Concerto de Outono"
Orquestra de Vila Praia de Âncora

26 - 21:00 "As Duas Datas"
Grupo de Teatro "O Cais" de Sôcos

**CICLO DE CINEMA PORTUGUÊS
PARA OS MENOS JOVENS - 15:00H**
DOMINGOS 22 E 29 DE SETEMBRO
E, 12, 20 E 27 DE OUTUBRO
LOCALS CINEMAS

17 A 29 DE SETEMBRO
ESPAÇO ABERTO PARA VISITAS LIVRES
10:00 12:00 14:00-16:00

1 A 31 DE OUTUBRO
VISITAS GUIADAS A GRUPOS
SEGUNDAS, QUARTAS E SEXTAS - ÀS 10:00H
10:00 12:00 14:00-16:00

* Inscrição e inscrição gratuita - 258 713 881





Concurso de Ideias

A In.Cubo, em articulação com o Grupo de Ação Costeira do Alto Minho, lançou o concurso de ideias e+Promar. As ideias de negócio devem ser implementadas na área de intervenção do GAC Alto Minho, que abrange 21 freguesias costeiras dos concelhos de Vila Nova de Cerveira, Caminha, Viana do Castelo e Esposende.

Objetivos

- 1) Fomentar a inovação e a criatividade;
- 2) Identificar pessoas inovadoras e proporcionar-lhes competências empreendedoras;
- 3) Identificar projetos inovadores capazes de materializarem e converterem em negócios viáveis.

Quem se pode candidatar

Grupos Informais, Pessoas Singulares ou Pessoas Coletivas.

Documentos

Formulário de candidatura e regulamento estão disponíveis em www.epromar.pt.

Prazo de apresentação da candidatura

Até 30 de Setembro de 2013, às 18h00.

Informações: In.Cubo - www.incubo.eu ou Tlf. 258 510 050



GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA,
DO MAR E DO AMBIENTE
E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

UNião Europeia
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

GAC alto minho
para o alto minho



Conte com a **SABSEG.PT**
estamos ao seu lado

Todos os dias a **SABSEG.PT** aconselha e gere o risco de milhares de empresas, instituições e particulares.

ANGOLA | BRASIL | ESPANHA | MOÇAMBIQUE | PORTUGAL www.sabseg.pt

SABSEG.PT Seguros é uma marca pertencente à SABSEG - Mediação de Seguros S.A., Sede: Praça Cantão de Agulheiro, 15 - 4700-312 Braga | tel: +351 253 080 900 | fax: +351 253 272 949 | geral@sabseg.pt | Mediador de Seguros inscrito em 31/01/07, no registo do ISR - Instituto de Seguros de Portugal com a categoria de Agente de Seguros, sob o n.º 403164787/3, com autorização para os ramos Vida e Não Vida, verificável em www.iasa.pt. Membro APROG com o n.º 526 verificável em www.aarose.pt.



MILHARES À ESPERA DA SENHORA DA ÍNSUA NO PORTINHO DE VILA PRAIA DE ÂNCORA



FOTOS: ANTÓNIO GARRIDO



A "Foz do Minho", embarcação que vai levar a Sr^a da Ínsua a Vila Praia de Âncora, já se encontra atracada aos cais da Rua. Está toda engalanada para receber uma visita especial que, todos anos, em Setembro, visita a vila vizinha por altura das festas da Sr^a da Bonança.

Ao longe, mesmo junto à Foz, já se avistam as embarcações que vieram de Vila Praia de Âncora ao encontro da senhora. Entre elas está a "Estrela de Âncora", embarcação que se distingue das demais pelo tamanho. É um daqueles barcos que andam à pesca do espadarte, que saem para o mar e por lá ficam às vezes um mês e até mais.

Junto aos cais da rua, em Caminha, começam a juntar-se os "passageiros" que vão seguir viagem. Pescadores, mulheres de pescadores, amigos de amigos, políticos e autarcas, ninguém quer ficar em terra.

O barco enche mas falta o pas-



sageiro principal, a Sr^a da Ínsua que vem em procissão desde a Capela da Sr^a da Agonia.

Trazida pelo padre Valdemar Cruz, a imagem embarca no "Foz do Minho".

Tudo a postos para iniciar viagem, o mar está bom, dizem os entendidos.

Na embarcação a animação é visível. A rapaziada pensa em tudo e nos cestos de plástico cheios de água e gelo, viajam também as imprescindíveis "minis" que vão matar a sede ao pessoal durante a viagem.

Saímos do cais em direção à foz. É neste local que é feita a troca. A Senhora passa agora para o "Estrela de Âncora" que a vai levar até bem perto do Portinho.

Seguimos viagem rodeados por dezenas de embarcações engalanadas com bandeirinhas que, em procissão, acompanham a Sr^a da Ínsua. Passamos ao largo do Forte da Ínsua, avistamos a praia

de Moledo. Visto daqui é tudo ainda mais bonito... Ninguém tem dúvidas.

No barco a animação continua. Na proa já se canta o fado.

A governar a embarcação vai Nuno Castro, que há seis anos decidiu substituir o pai nesta tarefa. Nuno garante-nos que o mar está ótimo para navegar até Vila Praia de Âncora.

À esquerda começamos a ver Vila Praia de Âncora e o seu casario. Mais uns minutos e avistamos o Portinho. À medida que nos vamos aproximando de terra são visíveis milhares de pessoas espalhadas pelos molhes.

Desembarcamos.

Na rampa não se rompe com tanta gente. Todos aguardam ansiosos a chegada da Senhora que finalmente se avista.

Vem num barquinho pequeno, "O Malhão".

Com ela vêm membros da Comissão de Festas, membros

do executivo e, claro, o Padre Valdemar que nos garante que a viagem foi calma.

A multidão não surpreende o pároco, garante que todos os anos é assim. "É uma grande manifestação de fé".

No Portinho de Vila Praia de Âncora, a Senhora é recebida com lágrimas, palmas e muitos vivas. Todos querem tocar a imagem, todos a querem beijar.

O andor, enfeitado pela Casa Sales, vai leva-la até à Capela da Sr^a da Bonança, na Praça da República, onde vai permanecer.

Antes de seguir em procissão, uma paragem junto ao farol para ouvir o sermão.

Ao microfone, o orador pede proteção à Sr^a da Ínsua. Pedem-se dias melhores, pede-se proteção no mar.

Terminado o Sermão a senhora segue em procissão. Veio visitar vila Praia de Âncora onde vai ficar até Domingo...

Concerto da artista Aurea rende 9 mil euros para os bombeiros do concelho

Com a venda dos bilhetes para o Concerto de Aurea foi possível angariar mais de 9 mil euros para os Bombeiros Voluntários de Caminha e Vila Praia de Âncora. Dividido em partes iguais, foi entregue a cada corporação o valor de 4.597,50 euros.

O concerto decorreu no dia 17 de Agosto e o valor dos bilhetes, com o preço de 5 euros, reverteu para os bombeiros do concelho. A receita angariada ascendeu a 9.100 euros e feitas as contas, cada corporação recebeu 4.597,50 euros. O montante foi entregue pelo vereador com o pelouro da Proteção Civil, Flamiano Martins e pelo vereador Paulo Pereira, que detém o pelouro da Cultura. O ato realizou-se nas instalações da Câmara Municipal de Caminha.

Este foi mais um meio que o município encontrou para apoiar os bombeiros do concelho, associando a cultura e o apoio às entidades concelhias.

A par deste valor foi ainda entregue às corporações a receita angariada com o espetáculo de Tributo a Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira: "Amigos Maiores que o Pensamento", que se realizou no dia 27 de abril deste ano. Tanto aos Bombeiros Voluntários de Caminha como aos de Vila Praia de Âncora foram entregues 626 euros.

Câmara oferece manuais escolares a 300 crianças do concelho beneficiárias dos escalões A e B

A Câmara de Caminha está a proceder à entrega dos manuais escolares aos alunos do 1º ciclo beneficiários dos escalões A e B e correspondentes aos escalões 1 e 2 da Segurança Social. Trata-se de um investimento de quase 14 mil euros e que vai abranger perto de 300 crianças.

O município de Caminha mantém, este ano letivo, a entrega dos manuais escolares aos alunos mais carenciados do concelho. A entrega começa hoje, na escola EB1 de Venade entre as 17h e as 18h30 e termina na próxima sexta-feira, dia 13, na escola EB1 de Âncora.

"Com esta medida queremos ajudar as famílias economicamente mais carenciadas e para as quais esta época do ano é muito difícil, pelas imensas despesas que acarreta", explica o vereador com o pelouro da Educação, Flamiano Martins acrescenta que "o objetivo é proporcionar um ensino de qualidade e igual para todos, sendo que ao oferecermos os manuais, garantimos que estas crianças começam o ano letivo com as condições reunidas".

Município dá as boas-vindas aos professores no arranque do novo ano letivo

Decorreu no passado dia 12, a habitual cerimónia de receção aos professores no início de mais um ano letivo. Os profissionais foram recebidos no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho. Além das boas-vindas, foram atribuídas as medalhas de mérito aos professores que celebram, este ano, 25 anos de profissão.

Mais de 50 profissionais participaram ontem na cerimónia de receção. Flamiano Martins, vereador com o pelouro da Educação, deu as boas-vindas aos professores e enalteceu o trabalho que têm desenvolvido, realçando que há "muito bons profissionais" nas escolas do concelho.

O vereador fez também um apelo a que os professores incluam, cada vez mais, nos seus projetos e planos educativos, a utilização dos equipamentos e espaços disponibilizados pelo Município, dando o exemplo do renovado Cine Teatro Valadares.

Flamiano Martins falou ainda da importância da formação profissional dos jovens do concelho, mas reconheceu que nesta área "ainda há um grande trabalho a fazer" e, por isso, disse esperar que se "consiga chegar a um encontro de vontades, que tenha como objetivo principal o desenvolvimento do concelho de Caminha", mostrando a disponibilidade do Município para continuar a apoiar o trabalho desenvolvido nas escolas.

Feita a receção foram entregues as medalhas de mérito aos professores que celebram, este ano, 25 anos de profissão. Seguiu-se um lanche-convívio para todos.

CONCELHO: CAMINHA



TEATRO MUNICIPAL VALADARES UM ESPAÇO DE MEMÓRIA CULTURAL

FOTOS: ANTÓNIO GARRIDO



Uma sala de espetáculos com 150 lugares sentados acaba de abrir portas na vila de Caminha. O cine-teatro Valadares, situado em pleno centro histórico, foi inaugurado esta semana pela Câmara Municipal, ao fim de um longo processo que se iniciou com a compra do edifício em 2005.

O caminho para a recuperação do Valadares começou com a aquisição do prédio por 300 mil euros. Numa segunda fase foi elaborado o projecto, pelo arquitecto Pedro Ramalho, também responsável pela recuperação do Teatro Rivoli, no Porto. Segundo a autarquia, o projecto rondou os 90 mil euros. Foram ainda investidos 250 mil eu-

ros na aquisição de equipamentos. A obra custou 899 mil euros e foi co-financiada em 85% pelo Feder. Contas feitas, a transformação do velho Cine Teatro Valadares numa sala de espetáculos polivalente custou cerca de 1 milhão e meio de euros.

Para fazer do teatro um espaço polivalente, na área da plateia foram colocadas cadeiras amovíveis, o que vai permitir que a sala receba várias atividades, para além de peças de teatro, tais como café-concerto, salão de festas ou exposições.

A caixa de palco foi recuperada e dotada de uma estrutura cénica com as condições técnicas adequadas

aos diversos espectáculos.

A recuperação incluiu ainda a instalação de um serviço de bar, com ligação directa ao exterior, de modo a que o público possa visitar o espaço, e a criação de espaços de apoio aos artistas, bem como áreas que permitam o funcionamento do próprio teatro, tais como camarins, área administrativa, instalações sanitárias e arrumos.

Uma recuperação difícil

Não foi fácil recuperar o Valadares, um teatro de reduzidas dimensões sem espaço para crescer. Manter a traçada original foi desde sempre uma prioridade, o que de

certa forma também condicionou a sua recuperação. Pedro Ramalho, arquiteto responsável pelo projeto, explica que esta foi "uma obra complicada".

"Hoje em dia a legislação que regulamenta as casas de espetáculos é muito exigente quer em termos técnicos, quer de segurança. Integrar tudo isto num espaço tão limitado como este não foi fácil".

Apesar dos constrangimentos de espaço Pedro Ramalho considera que a solução conseguida para o Valadares satisfaz, e que o seu tamanho é proporcional à população de Caminha. "Para a sua finalidade, que no fundo é plural, penso que o Valadares apresenta uma escala

interessante".

O contributo que a reconstrução do edifício veio dar à revitalização do centro histórico foi outro dos aspetos sublinhado pelo arquiteto. O Valadares, agora totalmente recuperado está apto a receber qualquer tipo de espetáculo, garante Pedro Ramalho. "Música de Câmara, teatro, revista, sala de exposições, um recinto aberto ao público para que as pessoas possam perceber o que era um teatro dos finais do séculos XIX e, tal como no passado, até pode ser transformado num salão de baile".

Tudo neste teatro é memória cultural



Emoção foi a palavra de ordem durante a cerimónia de inauguração do Valadares. A presidente da Câmara de Caminha, Júlia Paula Costa, lembrou que foi graças à unanimidade dos autarcas do concelho em relação à importância desta obra que foi possível recuperar o Valadares, um processo que não foi fácil e que por vezes a fez desanimar.

"Confesso que houve momentos em que desanimei. As vezes que fui a Lisboa, e foram muitas, de onde às vezes vinha com um não, fizeram-me desanimar mas nunca desistir" confessa a autarca.

Júlia Paula fez questão de agradecer a todas as pessoas que, com o seu esforço, a ajudaram a conseguir trazer para Caminha esta candidatura, "se não fosse o esforço de todos, nunca teríamos conseguido porque sem dinheiro não se fazem obras", sublinha.

Agora que o Valadares está recuperado, a autarca de Caminha lançou aos jovens o desafio para que não deixem morrer o teatro. Para a presidente da Câmara o futuro daquela sala de espetáculos está agora nas mãos dos jovens a quem coube produzir e apresentar o espetáculo de inauguração do Valadares.

"A nossa aposta é que este teatro seja potenciado pelas pessoas de Caminha. Entendemos que só assim é que as pessoas vão continuar ligadas ao seu teatro e a amá-lo. Penso que os jovens têm aqui um papel muito importante para que este legado cultural não morra".

Relativamente à recuperação do Valadares, a presidente da Câmara de Caminha considerou que o teatro "está lindo".

"Tudo o que aqui foi feito, foi feito de uma forma muito sóbria e muito prática. Tudo neste teatro é memória cultural".

Tiago Bettencourt atua a 28 de Setembro

O Valadares acaba de abrir portas e já tem programação cultural assegurada até ao mês de Outubro. Destaque para o concerto de Tiago Bettencourt, no dia 28 de Setembro.

Este sábado, 21 de Setembro, a Banda de Lanhelas apresenta o "Concerto 4 Estações", a partir das 21h30.

No dia 5 de Outubro terá lugar o "Concerto Lemúria" com a soprano Marina Pacheco e Olga Amaro ao piano. A encenação e leituras está a cargo de Pedro Lamares.

No dia 12 de Outubro a Academia de Musica Fernandes Fão apresenta o Projeto em Cena e a 19 será a vez do Orfeão de Vila Praia de Âncora pisar o palco do Valadares para um concerto de outono.

O teatro também vai marcar presença no mês de Outubro com a apresentação da peça "As duas Gatas" pelo Grupo de Teatro "O Cais" de Seixas.

Os interessados podem efetuar visitas ao Valadares das 10h às 12h e das 14h às 16h.

As visitas guiadas a grupos carecem de marcação prévia.



Maria Olinda, natural de Moledo, entrou pela primeira vez no teatro Valadares era ainda criança. Foi com a mãe ver um filme de cowboys e nunca mais se esqueceu do que viu. "Fiquei deslumbrada a olhar para aqueles vermelhos e dourados, foi um momento que nunca mais apaguei da memória". Passados muitos anos, em homenagem ao marido que era um defensor daquele teatro, Maria Olinda voltou ao Valadares para ver como tinha ficado depois das obras. "Está muito bonito, muito parecido com o que era. Um trabalho digno".



Aida Silva conheceu "muito bem" o antigo Valadares, espaço que começou a frequentar ainda muito jovem. "Iamos ver teatro, aos bailes e ao cinema" recorda.

Passados muitos anos é com alegria que Aida Silva vê o Valadares abrir portas totalmente renovado. "Está muito bonito, acho que foram fieis e estou muito contente com esta renovação, estou maravilhada".

"Espero que a partir de agora não fique de portas fechadas e seja uma mais valia para a cultura caminhense", sublinha.



José Correia conheceu o Valadares como as palmas das suas mãos. Com mais de 90 anos de idade, recorda os bailes de carnaval com saudade. "Era um pandemónio, uma alegria muito grande".

Emocionado, garante que o novo Valadares "está muito bonito, uma cópia quase fiel daquilo que era. Obrigado por trazerem o Valadares de volta, estão todos de parabéns. Está uma obra digna de se ver".

Concluída a primeira fase da construção do Saneamento na Zona Sul de Vila Praia de Âncora

Na zona sul de Vila Praia de Âncora, Vile e Riba de Âncora está concluída a primeira fase de construção do saneamento, o que significa que mais de 210 habitações já podem proceder à ligação dos ramais.

Nos locais onde é possível efetuar a ligação das casas à rede de saneamento, os municípios podem fazê-lo com 50% de desconto até dia 31 de dezembro deste ano.

"Esta obra só fará sentido se os municípios aderirem de forma significativa e efetuarem a ligação. A pensar precisamente nisso, o Município decidiu prolongar, até dia 31 de dezembro deste ano, a campanha de redução em 50% dos encargos a suportar com a ligação aos ramais", explica Flamiano Martins, vice-presidente da Câmara Municipal de Caminha.

Assim, no caso de ainda não terem solicitado a ligação, os municípios podem fazê-lo no Gabinete de Atendimento ao Município (GAM) em Vila Praia de Âncora ou no Balcão de Atendimento em Caminha. O pedido deverá ser feito sempre pelo titular do contrato e deverá fazer-se acompanhar de uma fatura de água, saneamento e resíduos.

Quem já efetuou o pedido e respetivo pagamento, poderá agendar no GAM a ligação ao ramal de saneamento. O GAM faz atendimento ao público de segunda a sexta-feira, das 9h00 às 12h30 e das 13h30 às 16h00, e o pedido de agendamento poderá ser feito presencialmente ou através do telefone 258912372.

As obras de saneamento na zona sul de Vila Praia de Âncora, Vile e Riba de Âncora implicaram um investimento total de mais 2,7 milhões de euros, financiado em 85% pelo FEDER, sendo a restante quantia suportada pelo Município.

Esta obra resulta da candidatura submetida pela câmara e aprovada pela Comunidade Intermunicipal do Minho Lima, no âmbito do contrato de delegação de competências com subvenção global celebrado com a Autoridade de Gestão do O.N. 2, ao aviso de concurso no domínio "Ciclo Urbano da Água", do Eixo III - Valorização e Qualificação Ambiental e Territorial, para a ampliação ou reforço das redes de saneamento e abastecimento de água.

Investimento em saneamento ultrapassa os 5 milhões de euros

No sentido de melhorar a qualidade de vida das populações e a qualidade ambiental do concelho, o Município de Caminha tem feito um esforço para dotar todas as freguesias com uma rede de saneamento e de abastecimento de água moderna e eficaz.

Nesta área o investimento ultrapassa já os 5 milhões de euros e, a par da conclusão da primeira fase na zona sul de Vila Praia de Âncora, Vile e Riba de Âncora, o saneamento já chegou a Venade, Vilarelho, Seixas, Lanhelas e Cristelo. Em Vilar de Mouros, a rede de saneamento na zona da Estrada da Cavada também já está concluída, assim como no Bairro da Ranha. Dentro em breve chegará também a Moledo.

PUBLICIDADE

CMTS

Clínica de Fisioterapia

COM NOVAS INSTALAÇÕES A PARTIR DO DIA 1 DE OUTUBRO EM CAMINHA

Acordos com: Serviço Nacional de Saúde - Sams - CGD - IASFA - ADM - Multicare

CENTRO COMERCIAL DA ESTAÇÃO - AV. MANUEL XAVIER, Nº 16

Tel. 918571617 - 968432863

HORÁRIO: 08H-19H (segunda a sexta)

O PEQUENO RASCUNHO

LIVRARIA PAPELARIA

Av. de Santana, nº 405 4910-225 MOLEDO Tel.: 258 723 878

Intermarché

SUPER

Distriâncora-Supermercados, Ida
tel 258959140-fax 258912955

Superareosa-Supermercados, Ida
tel 258808090-fax 258838534

OCULISTA IDEAL DE CAMINHA

José Augusto Fernandes Oliveira
(óptico desde 1967)

TÉCNICA . PERFEIÇÃO . QUALIDADE
A sua visita o comprovará

C.C. Camicentro, Lj. 6 (ao lado dos Bombeiros) Rua Visconde Rego
4910-156 Caminha | Telf./ Fax: 258 721 028

metalocaminha

Sócio Gerente
Sergio Meira - Telf. 919 983 235

AUTOMATISMOS | SERRALHARIA DE FERRO E INOX | MONTAGEM DE PORTAS SECCIONADAS | MOTORES DE TODO O TIPO | SERVIÇO DE CORTE E QUINAGEM DE CHAPA

Telf. 258 727 399 | Fax. 258 727 382 | E-mail: geral@metalocaminha.pt
web:www.metalocaminha.pt | Lugar do Couto | 4910-201 Lanhelas | Caminha

CONCELHO: CAMINHA



PARTIDO SOCIALISTA DEFENDE PARA CAMINHA UMA MARGINAL PENSADA E DISCUTIDA POR TODOS

O candidato do Partido Socialista à Câmara de Caminha, Miguel Alves, aproveitou o fim-de-semana para reunir pescadores, arquitectos e políticos na marginal, mais precisamente no Cais da Rua, para discutir o projecto e o atraso na sua execução.

A requalificação da Marginal de Caminha, defendeu o candidato socialista, deve ter em conta a atividade piscatória, mais do que o embelezamento do espaço. Miguel Alves acusou o atual executivo camarário, de maioria PSD, de "a um dia do arranque da campanha eleitoral", estar a apresentar um projeto para a marginal que mais não é do que uma "fotografia virtual".

Miguel Alves acusou ainda o executivo liderado por Júlia Paula Costa não ter feito obra na marginal e de ter perdido 11 milhões de euros previstos no programa Polis para Caminha.

"Como sabem esteve previsto no Programa Polis Litoral Norte a capacidade financeira para que a Câmara de Caminha pudesse fazer aqui uma obra e, inclusive, foi feito um concurso de ideias para que pudesse haver uma solução para a marginal de Caminha. Aquilo que aconteceu está à vista de todos, olhamos em volta e o que verificamos é que não aconteceu nada. Não se fez nada na marginal de Caminha e nós temos que responsabilizar os que foram incapazes de resolver o problema desta marginal".

Se for eleito no próximo dia 29 de Setembro Miguel Alves promete diálogo entre todos os intervenientes, principalmente com os pescadores "para em conjunto percebermos todos o que é preciso fazer para melhorarmos esta marginal. É impossível apresentar qualquer tipo de projeto, começar a pensar num projeto para a marginal, sem ouvir os pescadores".

Se esse diálogo não existir, Miguel Alves não tem dúvidas de que vai acontecer como noutros locais:

"onde os políticos decidem, os empreiteiros fazem, os pescadores dizem que não pode ser assim, o dinheiro gasta-se, o problema não se resolve e nada funciona. Eu não quero isso, quero conversar com vocês, perceber as vossas dificuldades e então depois avançar com um projeto".

Para Miguel Alves este é um desafio para a próxima década, "trabalhar com as pessoas que estão no terreno, com aqueles que sabem".

O candidato socialista afirma que a câmara quis saber da marginal nos últimos anos. "Durante estes anos todos, o que aconteceu aqui em Caminha relativamente à marginal, foi um abandono total do projeto por parte da Câmara Municipal de Caminha. Não quiseram saber, participaram em muito poucas reuniões, não quiseram atender àquilo que são as necessidades. É mais fácil prometer do que fazer. Basta, já não é tempo de acreditarmos em sonhos apresentados em power point enviados via net", rematou.

No rol das acusações Miguel Alves não esqueceu a falta de compa-

rência da Câmara de Caminha em reuniões de trabalho "importantíssimas".

"Ainda recentemente houve uma reunião a propósito da famosa ecovia do litoral norte, uma ecovia com cerca de 70 quilómetros que vai passar pelo território dos 3 concelho. A reunião fez-se e quem é que estava presente? Apenas Esposende e Viana, de Caminha não estava ninguém".

Não temos nada, precisamos de tudo

À chamada feita pelo candidato socialista compareceram alguns pescadores de Caminha, que lamentaram as atuais condições em que trabalham e o estado em que se encontra o Cais da Rua onde são obrigados a atracar. "O que foi feito aqui em Caminha para a classe piscatória? Nada. O que é necessário? tudo" desabafava um dos pescadores presentes.

Para estes homens tudo o que vier a ser feito, "tudo o que possa ser acrescentado para melhorar as nossas condições de trabalho e é bem vindo porque a verdade é que nós

não temos nada".

"Um exemplo negativo" para o resto do país é como os pescadores de Caminha consideram as condições em que trabalham. "Se olharmos para o lado, para bem perto de nós, o que vemos é que, por muitos defeitos que queiram por, algo foi feito. Somos uma classe abandonada, não sabemos quem somos nem se temos identidade".

A localização do atual cais da rua não é, segundo os pescadores, a ideal e por isso defendem uma nova localização. "Para isso é preciso desenvolver estudos a vários níveis e seria bom começar a pensar nisso".

Para além de um novo cais, uma vez que o que existe "esta uma vergonha", os pescadores dizem que o novo projeto da marginal deverá contemplar igualmente espaços para guardarem os seus apetrechos. "Isso é urgente porque se há pescadores que até têm quintais para os guardarem, outros não têm".

"Precisamos de um cais novo, umas rampas largas para quando há mau tempo podermos amarrar os barcos, precisamos de escadas

novas que estás estão todas destruídas, enfim precisamos de tudo. Não se admitem estas amarrações, isto já não se usa em pleno século XXI, é vergonhoso".

Diálogo entre todos é importante

No encontro promovido pelo candidato socialista à Câmara de Caminha estiveram também presentes os arquitectos Sérgio Fernandez e Manuel Correia Fernandes, que têm habitação em Caminha.

Sérgio Fernandez confessou que foi um dos arquitectos que participou no concurso de ideias para a Marginal de Caminha, e que no mesmo não era pedido que fosse tida em conta a atividade piscatória para a formulação de propostas. "Eu devo dizer, porque eu também participei nele, que nas bases desse concurso não se falava de pescadores para coisa nenhuma. Suponho que a maioria das propostas se limitaram a considerar manter este cais e mais nada, porque foi problema que nunca se levantou", garante.

Sérgio Fernandez considerou ser importante, antes de avançar com qualquer tipo de intervenção, falar com os intervenientes, "com os interessados". Responsável pelo plano de pormenor da Afurada, o arquiteto disse ter feito dezenas de reuniões, muitas delas com os pescadores locais.

"É uma classe muito importante, que tem opiniões e saber que deve ser tido em conta".

Melhorar a marginal de Caminha é, na opinião dos arquitectos, possível, desde que se ouçam as pessoas certas para se tomarem as opções certas.

Trabalhar com as pessoas parece ser a palavra chave para encontrar a melhor solução, é o que pensam Sérgio Fernandez e Manuel Correia Fernandes que, a convite de Miguel Alves, participaram nesta "visita de trabalho".

Em jeito de conclusão o candidato do PS à Câmara de Caminha prometeu lutar por uma marginal que dignifique a foz do Minho e a vila de Caminha, "que sirva os interesses dos pescadores, comerciantes e cidadãos em geral e que seja projectada em conjunto, ouvindo as pessoas, os melhores arquitectos, os atores locais e os nossos parceiros".





CÂMARA MUNICIPAL APRESENTA PROJETO PARA REQUALIFICAÇÃO DA MARGINAL

O renovado e recém inaugurado teatro Valadares foi o local escolhido pela Câmara de Caminha para apresentação do projeto da marginal que vai ser construído no âmbito do Programa Polis e cuja intervenção vai rondar os 5 milhões de euros.

Da autoria do arquiteto Paulo Calapez, o projeto, que contempla 5 áreas distintas, deverá seguir em breve para consulta pública.

A escolha do Valadares para apresentação do projeto da marginal teve, segundo a presidente da Câmara de Caminha, um significado e uma mensagem implícita, já que o local representa uma promessa feita e cumprida pelo actual executivo liderado por Júlia Paula Costa.

"Julgamos que este é um bom exemplo de que aquilo que prometemos cumprimos. Há um ano atrás estávamos na rua adjacente a apresentar o projeto do teatro Valadares, hoje inauguramos a obra. Queremos fazer o mesmo com a marginal", referiu a presidente da câmara, numa clara resposta às declarações do candidato do PS à Câmara de Caminha que, a propósito do projeto da marginal, acusou o executivo de estar a apresentar "um sonho que não passa de imagens virtuais

apresentadas em power point".

Para a presidente da Câmara a diferença é que "enquanto num lado se discutem promessas, noutro discute-se obra. Esta é a grande diferença", referiu a autarca.

Júlia Paula Costa fez ainda questão de sublinhar que este era um projeto adjudicado pela Sociedade Polis Litoral Norte que estava a ser trabalhado há dois anos.. "Não estamos a falar de nenhum projeto apressado apresentado em véspera de eleições", sublinhou.

Projeto distingue 5 zonas

Uma ecovia ao longo de toda a marginal, faixas de rodagem estreitadas, rotundas para desacelerar o trânsito automóvel, espaços de lazer, ajardinamento e arborização, são algumas das transformações propostas no projeto para a marginal de Caminha. A ser trabalhado há dois anos, o projeto contempla ainda, numa segunda fase, a construção de um novo mercado e de um parque de estacionamento subterrâneo para 600 carros.

Depois de um interregno na execução da Polis, por necessidade de reprogramação das verbas do QREN e devido também ao

processo em curso para a extinção da Parque Expo, que era a entidade executora da Polis, o programa foi prolongado, permitindo a concretização dos projetos contemplados.

Na mesma cerimónia, o executivo apresentou as ações previstas no Programa Litoral Norte para o concelho de Caminha, com especial atenção para o projeto de requalificação da marginal, que tem um peso de cerca de 50%, em todo o programa.

Mário Patrício, vereador com os pelouros das Obras Públicas e Planeamento e Gestão Urbanística, explicou as ações previstas na Polis, que passam pela renaturalização de áreas naturais degradadas, recuperação e proteção dos sistemas dunares; valorização paisagística e ambiental do estuário do rio Coura e do estuário do rio Âncora; valorização ecológica e revitalização das áreas do Pinhal do Camarido e do Pinhal da Gelfa; o Plano de Pormenor de Câmboas; construção da Ecovia do Litoral e dos Percursos Complementares a esta; e a requalificação e revitalização da Frente Ribeirinha de Caminha.

De seguida, o arquiteto Pedro Calapez, do Gabinete Castro Calapez Arquitectos, que foi, em

2010, o vencedor do concurso público de conceção para a requalificação e revitalização da marginal, explicou o projeto elaborado.

Assim, explicou que a intervenção vai decorrer em 5 zonas principais. São elas: a Matriz, a Praça Pontault-Combault, o Bairro dos Pescadores, o Cais da Rua e a Residencial Hotel Camarido. A estratégia passa por fazer de Caminha uma vila Autêntica, em que sejam valorizados e aproveitados o património natural, histórico, cultural e arquitetónico. Há também uma grande preocupação ao nível da sustentabilidade, nomeadamente, no que toca à mobilidade e tráfego. "As solicitações de pescadores e comerciantes no sentido da melhoria das suas condições de trabalho também não foram esquecidas", garante.

São exemplos das ações propostas: a construção de um novo mercado, na praça Pontaul-Combault, dividido em dois edifícios, o que permite uma melhor visualização da frente ribeirinha; a construção de um parque de estacionamento subterrâneo com capacidade para 600 lugares; a construção do Cais da Rua, com um espaço para aprestos e outros materiais de trabalho dos pes-

cadores; e a construção de duas rotundas que resolvam problemas de tráfego e excesso de velocidade na marginal.

Apresentadas as principais ações, Mário Patrício explicou que o objetivo é colocar esta proposta à "discussão pública", uma vez que implica grandes intervenções, nomeadamente demolições de edifícios e deslocalizações. "É para ser discutida com calma e com consciência", disse.

Já Júlia Paula Costa realçou que "a Polis é uma realidade no concelho de Caminha". A Presidente da Câmara Municipal explicou que o objetivo passa por beneficiar os comerciantes e a atividade económica e afirmou que tirar o mercado ou a feira da Praça Pontault-Combault seria "matar a vila". Assim, o objetivo passa por dinamizar a atividade económica presente nesta zona e por criar infraestruturas que possam ser utilizadas todo ano, nomeadamente, para a realização de eventos, de forma a atrair ainda mais visitantes a Caminha.

O projeto será agora colocado num local público a designar, para que todos o possam observar e para que seja assim possível a sua discussão pública.

NECROLOGIA



NECROLOGIA DO MÊS AGOSTO

Entregues na mão de Deus



Vasco José da F. dos Santos Cintra
66 Anos
Faleceu a 04/08/2013
Sepultado a 05/08/2013
Vila Praia de Âncora



Maria Emília Martins Figueiras
86 Anos
Faleceu a 13/08/2013
Sepultada a 14/08/2013
Vila Praia de Âncora



Rui de Martins de Assunção
42 Anos
Faleceu a 01/08/2013
Sepultado a 07/08/2013
Âncora



Jovino de Jesus Fernandes Carvalho
77 Anos
Faleceu a 14/08/2013
Sepultado a 15/08/2013
Moledo



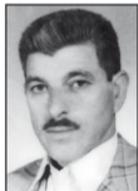
João Batista Gonçalves Pereira
83 Anos
Faleceu a 08/08/2013
Sepultado a 09/08/2013
Vilarelho



Hironidina Ilda F. de Araújo e Rego
92 Anos
Faleceu a 16/08/2013
Sepultada a 17/08/2013
Âncora



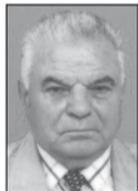
Maria de Jesus Carvalho
94 Anos
Faleceu a 10/08/2013
Sepultada a 11/08/2013
Moledo



João Ferreira da Cunha
87 Anos
Faleceu a 17/08/2013
Sepultado a 19/08/2013
Seixas



Rosa de Lima Aguiar Domingues
87 Anos
Faleceu a 11/08/2013
Sepultada a 12/08/2013
Vilar de Murteda



Manuel de Lima
91 Anos
Faleceu a 20/08/2013
Sepultado a 21/08/2013
Vilar de Murteda



Manuel Fernando de Sousa
52 Anos
Faleceu a 12/08/2013
Sepultado a 14/08/2013
Vila Praia de Âncora



Maria Abília Pereira de Sousa
92 Anos
Faleceu a 27/08/2013
Sepultada a 29/08/2013
Vila Praia de Âncora

Que Deus lhe dê o descanso eterno! A todas as famílias enlutadas as mais sentidas condolências

FUNERAIS A CARGO DA:



Prestígio, Dedicção, Dignidade,
Competência e Gratidão
ao Vosso serviço

tlm. 969 027 752 / 966 859 058
tel. 258 911 168 / 258 985 211

POEMA



O Amor

O AMOR, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
P'ra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...

Fernando Pessoa

O amor é uma companhia

O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.

Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.
Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.

Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na ausência dela.

Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara dela no meio.

Alberto Caeiro

EMPRESAS



RUA ALMADA NEGREIROS
4910-458 VILA PRAIA DE ÂNCORA
TEF.: 258 911 502 / 258 911 093
FAX: 258 911 082
E.mail: poliancora.saude@sapo.pt

Email: camitintas@gmail.com
encomendas.camitintas@gmail.com
967 218 772



CAMITINTAS, LDA
Comércio de Têxteis e Acessórios
Rua dos Cordeiros n.º 76 - 4910-132 Caminha - Tel. 258 928 201



PUBLICIDADE:
258 921 754
OU 258 922 754



**HOSPITAIS
CENTROS DE SAÚDE
ENFERMAGEM**

**CENTRO HOSPITALAR
DO ALTO MINHO**
VIANA DO CASTELO
Telf. 258 802 100
**CENTRO DE SAÚDE DE
CAMINHA**
Rua Eng.º Agostinho
Perreira de Castro
Telf. 258 719 300
VILA PRAIA DE ÂNCORA
Av. Pontault Combault
Telf. 258 911 318



BOMBEIROS

CAMINHA
Rua das Flores
Telf. 258 719 500(1)
VILA PRAIA DE ÂNCORA
Rua 5 de Outubro
Telf. 258 911 125



GNR

CAMINHA
R. da Trincheira
Telf. 258 719 030
VILA PRAIA DE ÂNCORA
Rua Miguel Bombarda
Telf. 258 959 260



**BIBLIOTECA
CAMINHA**

Rua Direita
2ª a 6ª - 10:00h às 18:30h
SÁBADO -10:00h às 13:00h



FARMÁCIAS

**CAMINHA
FARMÁCIA TORRES**
PRAÇA CONSELHEIRO
SILVA TORRES
Telf. 258 922 104
FARMÁCIA BEIRÃO RENDEIRO
RUA DA CORREDOURA
Telf. 258 722 181
CAMINHA



**MUSEU
CAMINHA**

De 3ª Feira a 6ª Feira
10:00h às 19:30h/14:30h às 18:00h
SÁBADO E DOMINGO
11:00h às 13:00h/14h às 17:30h



**CAPITANIA DO
PORTO DE CAMINHA**

Telf. geral: 258 719 070
PIQUETE DA PM: 258 719 079



**CÂMARA MUNICIPAL
DE CAMINHA**

TELEFONE: 258 710 300



**TAXIS
CAMINHA**

Largo do Terreiro
TELEFONE 258 921 401
VILA PRAIA DE ÂNCORA
Praça da República
TELEFONE 258 911 295
VENADE
TELM. 965 643 481



**FEIRAS E
MERCADOS**

CAMINHA
Largo Pontault Combault
SEMANAL 4ª FEIRA
VILA PRAIA DE ÂNCORA
Largo do Mercado
SEMANAL 5ª FEIRA



**POSTOS DE TURISMO
CAMINHA**

Rua Direita
TELEFONE 258 921 952
MOLEDO
Av. da Praia (em época balnear)
VILA PRAIA DE ÂNCORA
Av. Ramos Pereira
TELEFONE 258 911 384



**RESIDÊNCIA
PAROQUIAL**

LARGO. Dr. B. COELHO ROCHA
TELEFONE 258 921 413



**CENTRO CULTURAL
VILA PRAIA DE ÂNCORA**

De 2ª feira a 6ª Feira
10:00h às 12:30h
13:30h às 18:30h
SÁBADO
11:00h às 13:00h

CLASSIFICADOS



vidrariajomi@sapo.pt

T/F: 258 722 523
Tlm: 936 002 538Estrada das Faias,
Nº 41/43
Coura de Seixas
4910-339 CAMINHA**LARA**
INSPEÇÃO TÉCNICA DE VEÍCULOSwww.lara.pt
geral@lara.pt

TRABALHAMOS PARA A SUA SEGURANÇA

CENTRO DE CATEGORIA "B" - INSPEÇÕES A VEÍCULOS LIGEIROS • PESADOS • REBOQUES • SEMIRREBOQUES

Inspeções periódicas • Inspeções facultativas • Inspeções extraordinárias
Inspeção p/ atribuição de matrícula nacional • Outras inspeções determinadas IMT, IP**Horário:** 2ª a 6ª das 8h30 às 12h30 | 14h00 às 18h30 Sábados das 8h30 às 12h30
ZONA IND. 1- 4920-012 CAMPOS - V. N. CERVEIRA | TLF. 251 798 800 • FAX 251 798 801

Electro Coura, Lda

Nova Gerência

Venda e assistência de pequenos e grandes
electrodomésticos, material eléctrico, som e imagem,
instalações e reparações eléctricas.
Efectuamos montagem de antenas, motores de água, esquentadores, cilindros e aquecimento eléctrico. Somos representantes de gás BP, com entrega ao domicílio.Rua da Corredoura, nº55
4910-133 Caminha - Telf. 258 921 110

www.radiocaminha.pt

FICHA TÉCNICA

Propriedade:Herdeiros de António
José Guerreiro Cepa**Administração:**

Maria Teresa Gomes Cepa

Director:

Elsa Guerreiro Cepa

Sub-Director:

Cristiano Guerreiro Cepa

Chefe de Redacção:

Cidália Cacais Aldeia

Corpo Redactorial:

Susana Ramos Martins

Cartonista:

Cristiano Guerreiro Cepa

Colaboradores:

Miguel Cepa

Editor:Herdeiros de António José
Guerreiro CepaRua da Corredoura, nº117
4910 - 133 Caminha**Telefones:**

(258) 921 754

(258) 922 754

Fax:

(258) 721 041

Fotocomposição**e Arranjo Gráfico:**

Cristiano Cepa

Impressão:

Empresa Diário do Minho Lda

Registo de**Imprensa:** nº 201448**Depósito Legal** nº 84483/94**Tiragem desta edição:**

3.000 exemplares

Número de Contribuinte:

900777117

Nº Registo ERC: 101449**Periodicidade:**

Semanal (Sexta-Feira)

Endereços Electrónicos:

geral@caminhense.com

PUBLICIDADE

**Centro Oculista**
20% de desconto em cartão 65+ e brindeCASA
FUNDADA EM
1976

ÓCULOS DE SOL COM A TUA GRADUAÇÃO

ARMAÇÃO + LENTES
UNIFOCAIS 69€

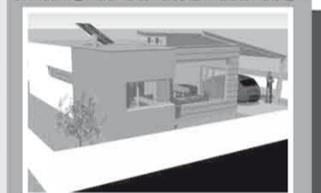
EXAME DA VISÃO INCLUIDO POR OPTOMETRISTA

ARMAÇÃO + LENTES
PROGRESSIVAS 239€ARMAÇÃO + LENTES
UNIFOCAIS 79€

EXAME DA VISÃO INCLUIDO POR OPTOMETRISTA

ARMAÇÃO + LENTES
PROGRESSIVAS 249€Rua da Corredoura, 121
Tlf. 258 921 558- 4910 CaminhaPraça da República, 26
Tlf. 258 951 240 - 4910 V.P. Âncora**BAMBU**
Imobiliária

MORADIAS

A BAMBU tem a solução que procura!
Moradias de arquitectura moderna e eficiente a baixo custo!

Investimentos seguros, rentáveis e sustentáveis para futuros agradáveis e sem supresas!

Consulte-nos: Todos juntos concretizaremos os seus objectivos!

BAMBU - Mediação Imobiliária Lda - Lic.8400AMI - Válida até 10/10/2014

A partir de 52.900€ + IVA

www.bambu.com.pt

**JOÃO ALBERTO
DA SILVA**

TÉCNICO DE CONTAS

RUA LOURENÇO ROCHA - TELEFONE: 258 912 212
VILA PRAIA DE ÂNCORA

restaurante



www.ancoramarmar.net

Tel./Fax: 258 911 183 • R. Cândido dos Reis • Vila Praia de Âncora

**NOVA
GERÊNCIA**funerais - cremações - transladações - sepulturas - flores
artigos para igreja e cemitério

serviço nacional e estrangeiro

rua direita
4910-155 Caminha
d.g.c.c. nº 164Tel. 258 722 587
Tlm. 963 330 363
935 403 138
919 424 750Nome Morada Nº / Lote Andar Letra C. Postal Localidade País Indica. Tel. Telf. / Telm. Email Portugal - 30€ Resto do Mundo 65€ Europa 55€ Pagamento: Cheque N.º

Cheque à ordem de Jornal "O Caminhense"

 Transf. Bancária - NIB:0018.0003.13172853020.13 Numerário IBAN: PT50.0018.0003.13172853020.13

Cupão Assinatura

CaminhenseRua da Corredoura nº117 | 4910-133 Caminha | Portugal
Tel. 258 921 754 - Fax. 258 721 054 | geral@caminhense.com



AUTÁRQUICAS 2013

O DEBATE

RÁDIO CAMINHA

SEGUNDA FEIRA, DIA 23 DE SETEMBRO ÀS 21 HORAS



PSD

FLAMIANO MARTINS



PS

MIGUEL ALVES



CDU

CELESTINO RIBEIRO

O CONFRONTO DE IDEIAS, DAS POLÍTICAS E PROJETOS
PARA O MUNICÍPIO DE CAMINHA

SIGA EM DIRETO EM 106.2 FM

radiocaminha.pt | caminhense.com
transmissão vídeo em facebook.com/radiocaminha

APOIO:

CLUB
ALFADEGA
C A M I N H A


Camipão

consultores
OOOOOC

